

Nicolau Araújo Vergueiro

Organizado por:
Marinês Dors
Marco Antonio Damian

Memórias do Dr. Vergueiro
Volume 4
transcrito



2011

NOTA do Projeto Passo Fundo

O presente trabalho foi digitado e organizado por: **Marinês Dors e Marco Antonio Damian** e gentilmente disponibilizado nas páginas do Projeto.

Os originais são 8 volumes manuscritos, redigidos pelo Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, entre 11/07/1935, data de seu primeiro relato, até 3/11/1937, data de seu último texto.

Algumas palavras podem estar redigidas na grafia da época, podem conter erro em virtude da interpretação da grafia manuscrita original ou por simples erro de digitação.

Pedimos desculpas e agradecemos às contribuições que recebermos.

Os 8 volumes, digitalizados dos originais, que se encontram no Acervo Nicolau Vergueiro sob a guarda no Arquivo Histórico Regional, onde os interessados poderão manusear os próprios livros, estão digitalizados e disponíveis na página do Dr Nicolau, neste site.

Estes livros chegaram ao Projeto Passo Fundo, pela generosidade do Sr. Nicolau Vergueiro Malheiros, neto do autor, que houve por bem, abrir a sala que a 50 anos permanecia fechado a pedido do Dr. Vergueiro, liberando seu acervo para conhecimento da comunidade.

Estes volumes e outros, especialmente os de autores Passo-fundenses e muitas Leis e Atos promulgados pela Intendência de Passo Fundo, foram digitalizados, alguns foram também digitados e transformados em PDF, para melhor acesso às informações.

Estes trabalhos estão disponíveis no site do *projetopassofundo.wiki.br*, para cópia gratuita.

Todo o acervo do Dr. Vergueiro foi entregue aos cuidados do Arquivo Histórico Regional, onde estão, também, a disposição de interessados.

O extenso acervo do Dr. Vergueiro, disponível para pesquisadores e historiadores, ainda não foi desvendado definitivamente. Este trabalho é apenas um pequeno esboço do que se dispões para estudo e, agradecemos o interesse de nossos utilizadores e conclamamos aos estudiosos para que se debrucem sobre esta rica fonte de pesquisa, para trazer mais e mais luzes à história de nosso primeiro século de existência.

Com nossos cumprimentos

Sumário

2011	1
159 DISCURSO REGRESSO DO EXÍLIO PG. 1	4
160 DISCURSO PELO CONSELHO MUNICIPAL pg. 64	30
161 DISCURSO NA CONVENÇÃO REPUBLICANA pg. 98	44
162 DISCURSO EM MANIFESTAÇÃO PÚBLICA pg 104.....	46
163 DISCURSO EM CARAZINHO pg. 112	50
164 DISCURSO AO DR. OSWALDO ARANHA pg. 121.....	54
165 DISCURSO EM 7 DE SETEMBRO pg.130	58
166 DISCURSO AO CEL. GERVAZIO pg. 136	61
167 DISCURSO DE INAUGURAÇÃO DA LUZ ELÉTRICA pg. 140	62
168 DISCURSO EM UMA SESSÃO FÚNEBRE pg. 144.....	64
169 DISCURSO POLÍTICO EM UM PIC-NIC pg. 151	67
170 DISCURSO EM CARAZINHO pg. 164	73
171 DISCURSO SOBRE A VICE-PRESIDÊNCIA DA ASSEMBLEIA pg. 176.....	78
172 DISCURSO EM UM BANQUETE, EM PORTO ALEGRE pg. 182	81
173 DISCURSO AOS ITALIANOS pg.189.....	84

159 DISCURSO REGRESSO DO EXÍLIO PG. 1

Conferência lida, no dia 27 de junho de 1934, no Teatro Coliseu, desta cidade.

Bem digo – Bem digo o Cristo do Corcovado, na admirável grandiosidade de seu morro, e a nossa padroeira Senhora da Conceição, na esplendida simplicidade do seu templo.

Bem digo o céu azul e a terra fértil, o ar puro e a gente boa, o sol amigo e as matas densas.

Bem digo as estrelas rutilantes e os rios caudalosos, o livro sadio e o dínamo produtor, o amor sincero e o trabalho honesto.

Bem digo as rosas brancas e as crianças risonhas, os perfumes inebriantes e as mulheres lindas.

Bem digo a luminosa estrada de S. Thiago e a promissora estrada da escola.

Bem digo as nossas inacessíveis tradições e a nossa auriverde bandeira.

Bem digo, enfim, este magnífico rincão do nosso inigualável Brasil.

Regresso do exílio – Regresso à querida terra do meu berço e do túmulo dos meus pais depois de longos meses de ausência, vastos meses de torturante exílio, em que, mês a mês, pude aferir a incorruptível pureza do meu patriotismo; em que, semana a semana, pude auscultar a serenidade da minha consciência; em que, dia a dia, pude pesar o valor do meu ideal; em que hora a hora, pude medir a altura das minhas inabaláveis convicções; em que, minuto a minuto, pude observar a tempera do meu caráter e, em que, instante a instante, pude provar a energia das minhas vitaminas morais.

Volto, são e forte, ao seio de minha família, ao remanso do meu lar, à presença dos meus desleais adversários, ao constante convívio dos meus dedicados amigos, ao contato diário dos meus intemeratos correligionários, em segura confiança em breve e radiante futuro, cheio de uma fé irredutível, na minha sadia intransigência de convicções e de atos, e da mais ardente e mais pura vontade de

trabalhar pela nossa ideologia, revigorado para novos embates e, conseqüentemente, para novas vitórias, ao lado dos valorosos elementos da Frente Única do Rio Grande do Sul.

Se é exato que o exílio nos proporciona intermináveis dias amargos, em que a saudade queima e caustica lentamente como o sol no Saara; se é verdade que o exílio é duro e difícil de suportá-lo com sobranceira; se é certo que o exílio, impiedosamente e em gesto recôndito de um prazer diabólico, apagando sorrisos, esmaga e tritura agradáveis lembranças em nosso velho coração; não é menos real que a esmeraldina esperança, eterno oásis nos consola sempre e a rubra fé, sua eterna companheira, nos balsamisa sempre, e como é bom, e como é suave e como é confortante, embora em terra estranha, adormecer-se com a alma tranqüila, com a consciência serena de quem, permanecendo digno dentro dele, está bem cumprindo um dever de honra!

Foi no exílio que, profundamente, senti a beleza expressiva e amarga do verso de Garril: “saudade, delicioso pungir de acerbo espinho”....

Eu vos repito, agora, a calhar, as palavras do grande defensor de Dreyfus, ao regressar do seu exílio, em Londres: “Durante meses, impus-me o mais integral exílio, o mais ignorado retiro, o mais absoluto silêncio. Era como o morto voluntário, deitado no túmulo secreto, à espera da verdade e da justiça. Hoje, tendo a verdade vencido, reinando enfim a justiça, renasço, volto e retomo o meu lugar”.

Desafio – Aqui exercerei, quer queiram quer não, sem peias e sem receios, sem vacilações e dubiedade, apoiado no regime constitucional, que assegura os direitos do cidadão, toda minha atividade política, que agora é, para mim também, uma imposição do brio.

A minha orientação é sempre a mesma; não sou cata-vento que não tem direção certa, e anda à mercê do mais forte.

Despreza os pequenos e vulgares prepotentes de rústicos tamancos, mas desafia os grandes mandões mandachurianos de perneiras de verniz, que fora da Lei, despidos de escrúpulos, mordidos de despeito empapados de ódio, impando da

vaidade e da bazofia, que circundam sempre o ignorante de alto calibre, amparados nas muletas da força bruta “despotismo da matéria” na frase de Latino Coelho, e no poder discricionário com a alma vazia de sentimentos bons, nunca tiveram a coragem de me enfrentar no regime legal e aproveitaram-se de uma situação toda anômala para contentamento de mesquinhas vinganças. O despeito é pior que a sífilis. Para esta: mercúrio, arsênico e bismuto. E para aquele? Não tem cura, é como a hidrofobia declarada.

Ruy Barbosa, nas cartas de Inglaterra, em 1895, pintou este quadro: “Há um gênero de ambição, inerte e retraída, como certos répteis, que se enroscam na obscuridade, à espreita da ocasião que lhe passa ao alcance do bote. Os indivíduos dessa família moral, silenciosos, escorregadios e traiçoeiros, passam às vezes a maior parte da existência ignorados, até que a oportunidade fatal os favoreça. Então o distinto originário desperta-lhes as faculdades dormentes, a espinha desentorpecida cobra-lhes sob as descargas de um fluido subtil, e vêem-se esses preguiçosos, esse flácidos, esse sonolentos desenvolverem inesperadamente a distencibilidade, a flexibilidade e a tenacidade das serpentes constritoras”.

Pátria – Pátria, família, amigos, tudo e tudo, fizeram-me abandonar; não me fizeram, porém, perder a vergonha.

Arrebataram-me a liberdade de viver aqui; não me arrebataram a dignidade.

Meteram-me na cadeia; não conseguiram me fazer sair de joelhos.

Cassaram-me os direitos políticos; não me cassaram o direito de pensar.

Encerraram-me a clínica, o consultório, pão meu de cada dia; não me cerraram os olhos nem as portas da consciência. Perdi tudo quanto possuía, só conservei o melhor e o mais bem da vida: a honra pobre de dinheiro; rico de brios e de esperanças.

Perseguiram-me até a margem do rio Uruguai, no porto de São Marcos, essas formigas carnívoras, na ânsia de fome devoradora, e não me puderam curvar a coluna vertebral, amolecer a rijeza dos músculos, liquidar com as vibrações do cérebro e nem gelar-me o sangue nas veias, deixando a minha ossada a branquear

no topo de uma coxilha, em contraste com a cor de algum famigerado negro “provisório”.

Prenderam violentamente, demitiram arbitrariamente o meu filho, e Shylock, com o seu “pathos” notável confusionista, com ares de Rasputin e alma de Heliogábalo, conseguiu a minha repugnância cada vez maior: entre uma coisa assim e um vômito, prefiro o vômito.

O próprio governo do Estado, quinze meses depois, espontaneamente, o reintegrou ao seu cartório de 1º notário, separando, d’est’arte, um erro e uma injustiça: erro, porque aquela exoneração foi um atentado à Lei; injustiça, porque meu filho não é responsável pelos meus atos.

A demissão de Ruy levantou protestos gerais.

Foi a eterna fábula de La Fontaine que, ais uma vez, se repetiu: o leão, confirmando o seu ódio e o seu bric-a-brac mental, investe e vinga-se no cordeiro. Mas o leão não era leão: era um burro fantasiado de leão; traíram-lhe as pastas, o rabo e as orelhas.

Para o ignorante, indulgência e livro; para o louco hospital e remédio; para a fera, jaula e carne; mas para o burro carroça e capim.

Deve haver em tudo isso um grandessíssimo pulha “mansais sujet” que não conheço, mas, por certo, em arremedo de esquisito e novo colosso de Rhodes, terá um pé na burrice e outro na estupidez; imagino que sua palestra deve ser mais irritante que uma ranzinza dor de dente; calculo que deve ter mau olhado e penso que deve ser avarento, fazendo inveja ao personagem de Balzac.

Esqueceram-se porém de que quem semeia ventos só colhe tempestades; de que nada melhor, principalmente em política, que um dia depois do outro e de que a aurora reivindicadora do direito haveria, ainda que tarde, de despontar no horizonte, desfazendo a bruma da deliciosa lembrança ditatorial, que chegou ao cúmulo do ministro Juarez Távora, da tribuna da Constituinte, fazer, em princípios de esforço, um choroso e textual apelo: “pelo amor de Deus e pelo amor do Brasil” para que não se deixasse aos tribunais o direito de apreciar, depois daquela Assembleia, os atos do governo discricionário, e de lembrar que

se encartasse, no texto da Lei Magna, um dispositivo transitório, em virtude do qual ficava o governo da ditadura e seus agentes nos Estados dispensados de prestar à Nação as contas dos seus atos, que foram, em massa e sem o menor exame, escandalosamente aprovados em 5 de junho. Para honra nossa, votaram contra o tão malsinado art. 14, entre outros aos ilustres Maurício Cardozo e Adroaldo Mesquita da Costa, dignos representantes da nossa Frente Única.

Fariseus – À revolução de 1930, dediquei, com amor e sinceridade, todas as minhas energias, não poupando esforços nem medindo sacrifícios, mas as desilusões não se fizeram esperar.

Só vos recordarei uma, e que foi a primeira: a tentativa de obstrução, no dia 4 de outubro, da barra do Rio Grande.

Pavor que marca uma época, crime que condena irremediavelmente um governo, covardia que plasma nossa mentalidade! A fúria do mar, em grossas e bravas ondas revoltas como um solene protesto da própria natureza, não permitiu, no entretanto, que se consumasse, de todo, esse monstruoso atentado.

"Plano genial" de que, já em 1700, também se lembrou o governo português, com referência a Barra do Bertioga, em São Paulo! (Washington Luis).

Era o “medo do pior” que Sforza considera o “pior dos medos”.

Os disparates e os erros foram tais e tantos que seria um nunca acabar a sua simples enumeração.

Foi bem um caso de teratologia. Em 3 de outubro, ofereci meu peito às balas para implantar esse novo regime, que aí está tão desnaturado, remédio pior que a doença, e não me escondi ridiculamente e nem fugi como em janeiro de 1923.

Como são insolentes os caburezinhos!

Como são desenvoltos os ascaris, quando encontram um bom caldo de cultura!

Como são valentes os pusilânimes, quando acham que o amparo da força para defendê-los e atrás da qual se acocoram, esfregam as mãos, estalam os dedos, sorriem sardonicamente, sussurram intrigas, arrotam insultos, cospem torpezas e

vomitam calúnias, mas na opinião sensata de Stefan Zweig “fugaz é o momento em que se dá grandeza aos pusilânimes, e a sorte nunca mais voltará a eles pela segunda vez”.

É de Baptista Pereira: “Para o infinito da pusilanimidade, o infinito da audácia”. De pé saí, de pé entrei e de pé aqui estou e não de esses fariseus justar contas comigo: hei de lhes chegar a mostarda às ventas, hei de lhes fazer conhecer a porteira da mangueira. Não trilharei o caminho escabroso e mau dessa gente... é uma questão de temperamento e de caráter... sempre pisei terra firme e não em tremedal... os seus meios e processos não são os meus... não somos, graças a Deus, do mesmo feitio moral... o nosso protoplasma é bem diverso e até a água que bebemos não tem igual fórmula química.

Não confundam os meus insensatos e desastrados adversários energia com ódio, repugnância com ódio, saneamento com ódio: não me emprestem os sentimentos que possuem.

O ódio só destrói; só o amor é criador. Augusto Comte sempre aconselhou o amor por base... mas o amor não exclui a higiene.

Não sou um estúpido nem um perverso.

A minha vida – A minha vida sempre foi exercida ao sol, à luz das causas claras e afirmativas: o gaúcho bom só se senta à sombra para tomar chimarrão.

A luz faz mal a certa gente, que, se pudesse, passaria piche no azul do céu e até mesmo prenderia o sol em fétido calabouço. A casa da Avenida Brasil n.º 1056, não é um porão, onde, em atmosfera bolorenta, entre baratas, aranhas e ratos, no grotesco reino das trevas e com o astuto espírito das trevas, quando as corujas choram agouzeiras e os morcegos esvoaçam doidamente, se constroem, rangendo os dentes e espumando de raiva, fantásticas represas, se organizam mastodônticas empresas, se arquitetam labirínticos planos, se combinam sórdidas vinganças, se ruminam terríveis libelos e se engendram tramóias maquiavélicas, que só ao diabo lembra em dia de vento norte ou de noite de orgia sardanapalesca.

Honro-me de gozar da estima dos bons e do ódio dos maus.

Na vida pública, duas grandes preocupações tenho tido: a medicina e a política.

Da primeira fiz um sacerdócio, da segunda um sacrifício: sacerdócio obscuro, sincero, humilde, honesto, sem ridícula e pública exibição, mas com entranhado amor pelo meu próximo e caridade para com os desprotegidos da fortuna, e já disse Roldan: “rezar é bater às portas do céu, praticar a caridade é abri-las” – sacrifício, que não lastimo por estar convencido de que não há sacrifício inútil diante da grandiosidade da causa, que corporifica honra ideal, fé!

De como sou médico, bem pode ser austero juiz de minha ação, em sentença inapelável o povo inteiro desta terra.

Político, diretor, desde 1920, de um grande o glorioso Partido, tendo, por muitas vezes, enfeixados nas mãos os mais dilatados poderes, agi com absoluta serenidade e com extrema prudência, nunca exerci uma vingança, nunca cometi uma violência, sempre respeitei o adversário, e aí estão, como insuspeitas e presenciais testemunhas, desde os velhos maragatos até os meus mais ferrenhos inimigos de hoje, se é que, a estes, o ódio ainda não lhes embotou, de todo, a memória.

Como homem, nunca pulei uma cerca, perverso libidinoso; nunca saltei um muro, sedutor sem escrúpulos; nunca penetrei um lar, gozador grosseiro, para aí deixar, como antônimo da moral, e por isso mesmo infamemente, uma nódoa indelével e uma vítima, lírio machucado rolando para o desgraçado abismo do “bas fond” social... não terei que prestar contas à Proserpina [Perséfone].

Administrador nunca fui algoz de ninguém, procedi com justiça e com rigor de honestidade; os meus atos e relatórios pedem, até hoje, contestação e podem, a qualquer tempo, ser escalpelados.

Falam-me, seguidamente, os íntimos, das víboras que criei, das hienas que alimentei, dos amigos falsos, dos simuladores de amizade, da ingratidão, mas esta é uma coisa que não me causa o menor espanto nem me produz o menor abalo, pois além de conhecer que ela é, quando surge, sempre proporcional ao bem que se faz, sei, como médico, que a amnésia é sintoma patognomônico nos degenerados de ordem moral. Essa gente anômala ilustra, todos os dias, o

conceito de Augusto Comte: nada é mais fácil do que simular sentimento. Eis como Medeiros de Albuquerque descreve uma lenda mitológica: “Foi de mármore que Pigmaleão fez a estátua de Galateia. Quando acabou, achou-a tão bela que pediu a Júpiter para animá-la, para torná-la uma mulher real. Do seu buril, pacientemente manejado, tinha surgido a deliciosa estátua. Traço por traço, Pigmaleão a fizera. Fizera-a amorosamente bela. Júpiter viu dos altos céus a obra prima do estatuário, e resolveu conceder o que ele pedia. Galateia surgiu, viva e radiante. Tudo devia a Pigmaleão, que obtivera de Júpiter a sua animação. Mas, assim que ela teve vida e voz, ergue-se diante do escultor atônito e, como uma fúria, os olhos em brasa, os cabelos revoltos, toda trêmula de cólera, perguntou-lhe: Por que me arranhaste com o buril?”

Na lenda, nos homens e até nos animais... criei um cão que certa vez, me mordeu, quando lhe estendia um pedaço de carne, para matar-lhe a fome.

Vivo com Deus e não com o Satã; tenho religião e tenho profissão; circula nas minhas artérias sangue oxigenado e não ácido carbônico; o meu líquido cefalorraquidiano é como água de rocha, e nele não se constata o *treponema pallidum*.

A minha sombra não é um borrão. Sei pensar, discernir, resolver, agir, separar o joio do trigo. Quanta gente que pensa saber ler e escrever, e verdadeiramente não sabe. Possuo orientação própria, e, na frase concluinte de Zchallo, mais vale ser cabeça de mosquito do que cauda de leão.

Passo Fundo, uma das grandes células dinâmicas do Rio Grande do Sul, não me poderá passar o atestado de nulo, de fútil, de inútil ou de prejudicial, e é o que me basta.

E a quantos ela poderá certificar de tudo isso?

Janos é que tinha duas caras, de modo que podia sorrir com uma e chorar com outra.

Nem Einstein – Existem certas criaturas humanas que têm, circunscrevendo o cérebro, verdadeiras muralhas chinesas e por meninges grossas placas de aço, mas a vida tem suas ironias brutais, desses sobressaltos estúpidos e desses

contrates chocantes, pois esses indivíduos, de estômago de avestruz, apesar de sua notória incapacidade de compreensão de uma simples análise gramatical, de uma banal equação de primeiro grau, de uma corriqueira lei de física, confundindo Guilherme Tell com um bodegueiro de mercado, atrapalhando-se na designação da profissão, por não tê-la, um registro de hotel; odiando Camões mas lendo Bocage; ignorando a filosofia de Descartes e os versos de Verlaine, mas conhecendo os romances de Paulo de Kock e as pornografias de Rabelais, se desenvolvem, progridem, aparecem e atingem a uma determinada altura social.

Nem Albert Einstein, o profundo sábio alemão, que explica coisas dificilmente explicáveis, será capaz de esclarecer esse mistério da existência.

E fenômeno interessante esquecendo-se da troca da troca de um s por um t, afirmam eles mesmos, sem corar, que o seu progresso é uma questão de bossa: isso é paranóia ou obsessão.

O nosso presente amigo Dr. Tristão Ferreira conceituado analista da Farmácia Central, não será capaz, com todos os seus reativos e ultramicroscópios, de descobrir, nesses organismos, rudimentares de consciência.

Se fosse possível classificá-las no reino vegetal, seriam da espécie das trepadeiras, que, no dia em que lhes falta o arrimo do tronco, caem fragorosamente para nunca mais se levantarem.

Quando a inteligência, além de curta, é enferma, e está em desmoronamento, não há remédio nem cimento que prestem. Tudo é inútil: nem a ciência do Dr. Tenack e do Dr. Odilon, nem a arte do João de Cezaro.

No entanto, aqueles interessantes animaizinhos, indolente e presumidos, com a sua pose e verniz aparentes, conseguem, às vezes, organizar platéias, bobos e abobados, e “quando os tolos encontram outros tolos que os aplaudem tornam-se insuportáveis”. (Xavier do Amaral)

O horizonte do porco é só ao redor do focinho.

Qui se resemble – Pela palavra ou pela pena, na tribuna ou na imprensa, na cidade ou nos distritos, fustigarei, sem piedade e sem descanso, todos aqueles que,

artífices do mal, raposas sociais, tentaram, armando tramóias e intrigas, transformar essa terra laboriosa e brasileiroamente boa em trágica e carrascamente má, arrancar o penacho, quebrar o concreto de cimento, apagar a luz, matar o cavalheirismo, comprimir a liberdade, asfixiar a justiça, arrebentar o monólito, borrar o apanágio da altivez tradicional de Passo Fundo, sagrado e glorioso patrimônio, que sempre o aureolou alvinitentemente.

Se necessário for, estabelecerei com todas as regras de higiene, esmero de assepsia, um necrotério em praça pública, que, certamente, não espalhará perfume de flores, onde possa dissecar, à luz meridiana, e fibra a fibra, certos cadáveres morais, de tipos hunterianos ou hansenianos, mostrando friamente, em uma exposição macabra, ao povo de minha terra, todas as baixezas, todas as pústulas, todas as mazelas, todas as degenerescências e todas as podridões ocultas.

Os aventureiros e os maus unem-se sempre em miserável conluio e se conhecem ao primeiro olhar... os cavalos gaviões sempre andam juntos... um provérbio italiano assevera que os mal feitores e as doenças tendem a associar-se... e é bem certa a velha expressão francesa: qui se ressemble, s'assemble...

Mas minha terra querida, desperta do teu sono, levanta altivamente a cabeça, distende os teus possantes músculos, de pé o teu corpo varonil, agita as tuas valentes energias; tu não és um pedaço da costa da África, nem território da Malásia, onde existe a esquisita doença do Amok, de Stefan Zweig; tu não és a “terra de ninguém”; tu serás desmorfínizada; tu serás reconquistada, palmo a palmo; tu renascerás, forte e vigorosa, como a fênix lendária; se teu sofrimento foi e ainda é grande, tua glória, proporcional ao teu martírio, já é e será muito maior; tu serás reabilitada custe o que custar; não deves, não queres, não podes viver enxovalhada; os teus verdadeiros filhos, os teus decididos amigos, estão de vigia, a postos e alertas e hão de extirpar, sem clorofórmio, do teu sadio organismo esses enquistados corpos estranhos.

Miseráveis – Desculpem-me agora um grito de revolta, de indignação e de protesto, mas preciso fazê-lo, em público e em voz alta, para que todos bem saibam o estofo que reveste certos corpos, para que todos bem conheçam a gaze

que oculta certas úlceras, e para que se possa bradar, como Danton, cheio de desprezo e de desdém, almas de lacaio.

Chegou ao meu conhecimento, quando estava em Buenos Aires, e confesso que com profunda e dolorosa tristeza, por isso nunca julguei que houvesse tanta infâmia no mundo, que se latia aqui, e até mesmo em Passo de Los Libres, que fugi do Rio Grande do Sul para não pagar dívidas.

É a baba de animal hidrófobo.

É a quintessência de toxina.

É a perversidade salivada.

E a maldade em cristalização.

É a hipertrofia da estupidez.

É a cegueira completa do ódio, suprema miséria da alma humana, na definição de Augusto Murri.

Quanto devo?

Por que os estabelecimentos de crédito não me apertavam?

Por que ainda não lhes paguei?

E por que se afirmou essa miséria?

Responderei a todas as perguntas.

Devo duas pequenas parcelas aos Bancos do Comércio e da Província, sendo uma de fiança, e ainda uma menor ao Banco de Cooperativismo, do qual sou acionista.

Porque bem sabem que sou um homem honesto; tem absoluta certeza de que lhes não darei nenhum prejuízo; tem conhecimento de que lhes paguei fianças de centenas de contos de réis; conhecem ainda que possuo bens de muito, mas muito maior valor e, em um gesto de elegância moral, superioridade estética, que certa classe canalha que apedreja Cristo e venera Judas, que ama as estrebarias e odeia os jardins, que detesta o Belo, a Verdade e o Bem, e idolatra o Feio, a Mentira e

o Mal, não pode ter nem sequer compreender, sentiram a minha embaraçosa e efêmera situação econômica, decorrente de uma passageira situação política.

Porque desde 5 de setembro de 1932, em que fui preso pela primeira vez, não pude mais trabalhar, e nem mesmo cuidar dos meus negócios, pelas contínuas perseguições de que fui vítima.

Por que a maldade humana não tem limites, e procura denegrir aqueles que vivem limpos; porque a calúnia em determinadas épocas, é uma instituição, e exerce-la impunemente satisfaz e eleva; quanto maior for, maior o herói-patife; porque existem certos homens que pisam em lama e salpicam lama naqueles que passam; porque existem outros, eternamente guris-moleques, ou que tiveram meningite em criança, vazios e leves como bolas de sabão, que não podem ver um prédio claro sem o tismarem de carvão ou o borrarem de esterco; porque existem outros que, não podendo morder babam danadamente; ou porque existem ainda outros que são como os suínos, lavam-se no barro; ou como cães, espojam-se nas podridões.

“Ladrar, latir, ganir, uivar é função de cão” Catullo da Paixão Cearerense, o grande cantor da mata alvissareira.

Mas tudo isso não é para causar pasmo, voto como “lo primero que pierde em esclavo es el pudor y lo ultimo que perdona es la dignidad”.

Era imprescindível que usasse dessa linguagem, sincera e veemente, fibrosa e contundente: a palavra assume, às vezes, a ação corrosiva do nitrato de prata, e é preciso saber usa-lo quando útil e aplicá-lo convenientemente em determinadas feridas de bordos incrustados.

Rajada de loucura – Depois disto, meus dignos correligionários, dir-vos-ei que carecemos de tratar da reorganização da nossa vida e do aprestamento das nossas hostes, dirigidas por Borges de Medeiros e Raul Pilla, cujos grandes exemplos de civismo e de abnegação ai vivem, quentes e palpitantes, na consciência de todo o País.

Ouçamos os ensinamentos, aguardemos a palavra de ordem, acatemos os conselhos e sigamos, apesar de todas as dificuldades, destemerosamente como

sempre, e com novas e magníficas explosões de civismo, os nossos guias políticos. Precisamos curar e fortalecer, dizer e fazer.

Não permaneçamos debruçados na janela do passado, contemplando, estáticos, remotas e gloriosas tradições.

Não nos contentemos somente com olhar e escutar.

Não esmorecer é a maior das energias, já o disse o professor Fernando Magalhães, e célebre tornou-se a frase de um grande republicano: em política, para é recuar.

Ninguém precisa olhar para trás para saber como deve caminhar.

É avançar resolutamente, temerariamente para frente, assim falou Plínio Barreto, na Ordem dos Advogados.

No salão de honra da Universidade Imperial de Tóquio há uma inscrição autografa do almirante Togo: “Queremos atos e não palavras”.

Dentro da Lei, respeitados todos os meios naturais de propaganda, garantidos todos os direitos, sem perseguições ao funcionalismo, ou a quem quer que seja, com um arejado alistamento eleitoral, sem prisões inqualificáveis, sem cassação de direitos, sem expatriações, assegurado o voto secreto, sem cartolina ou outro quejando processo de burla, sem coações, com toda a liberdade e seriedade enfim, como se deseje em uma república que se diz regeneradora, vamos a uma eleição, verdadeira e de fato, que seja o espelho refletor da opinião nacional, e a vitória, por certo e em pouco tempo, nos sorrirá de maneira estrondosa e iniludível.

Parodiando Hitler, posso vos afiançar que nada poderá deter a alma frentista; não somos homens que capitulem diante das dificuldades: somos homens que se fortaleceram na luta.

República regeneradora!

Dolorosa ironia!

Golpe de rasteira!

Quem descobriu o Brasil não foi o “seu” Cabral, da marcha carnavalesca carioca... Cabral achou, Getúlio descobriu de verdade... isto aqui “era um deserto de homens e de ideias” na frase pitoresca do Sr. Oswaldo Aranha, e os que ainda existiam, os políticos decaídos “não foram passados pelas armas, porque mostravam sofrer de insensibilidade moral” na expressão não menos pitoresca do Sr. José Américo, titular da pasta da Viação, e mais ainda o ministro da agricultura Sr. Juarez Távora, ex-rei do norte, também servindo-se da tribuna da constituinte, afirmou aos gritos que “o Brasil é a terra da covardia e da irresponsabilidade”.

O Sr. Getúlio Vargas tudo prometeu, regeneração dos costumes, melhoria do câmbio, alta do café, reforma das tarifas, liberdade de imprensa, proscricção dos vícios políticos e administrativos, reorganização moralizadora do ensino... etc.... e que fez, além do Código Eleitoral, trabalho do Dr. Maurício Cardozo, quando ministro da Justiça?

Como resposta indico-vos a leitura do brilhante discurso do Dr. Cincinato Braga, deputado por São Paulo à Assembleia Constituinte, e que, em resumo, afirmou categoricamente “que a Revolução gastou 12 milhões de contos em quase 4 anos de ditadura; que o Brasil na balança da sua compra e venda, apresenta um saldo de 10 milhões de libras e que tem de pagar anualmente 40 milhões; que a ditadura é o governo mais dispendioso que temos tido; que o movimento de 1930 encontrou o País com o câmbio 6 e o derrubou a menos de 3; que os 7 milhões de libras remetidos para a Inglaterra para pagar credor já estavam depositados na Caixa de Estabilização; deixados pelo Sr. Washington Luis, e no Banco do Brasil; que a nossa situação de 24 de outubro para cá se apresenta em falência completa; que, se pretendermos lançar um empréstimo externo, a nossa ousadia será recebida, nos mercados financeiros, como uma esplêndida pilhéria; e mais coisas afirmou, provou e documentou que a Nação ficou estarrecida, perplexa e estuporada, diante da autópsia feita no corpo da ditadura revolucionária”.

A resposta, quinze dias depois, do Sr. Oswaldo Aranha, foi um parto de montanha, com “délivrance” custosa, e a tríplice imediata do fulgurante deputado paulista que, em certo momento declarou que “a arte de governar nações só é

reputada fácil pelos sandeus [patetas] e pelos espertalhões” foi mais uma bordoadada bem no cancro da ditadura. É muito sugestiva a seguinte coluna dos déficits:

Ano	Valor
1923	224.374:086\$000
1924	90.634:471\$000
1925	14.929:051\$000
1926	175.682:666\$000
1927	155.517:532\$000
1928	145.774:513\$000
1929	189.876:537\$000
1930	832.590:506\$000
1931	293.964:945\$000
1932	1.108.877:991\$000

E o câmbio?

Nada mais, nada menos que astronomicamente miserável.

Na muda eloquência dos algarismos, é muito expressiva a taxa média anual do câmbio a vista sobre Londres, durante os últimos 5 quadriênios do Brasil:

Ano	Governo	Câmbio
1915	Wenceslau Braz	13 61/64
1916	Wenceslau Braz	12 39/64
1917	Wenceslau Braz	13 47/64
1918	Wenceslau Braz	13 19/64

1919	Epitácio Pessoa	14 29/32
1920	Epitácio Pessoa	13 37/64
1921	Epitácio Pessoa	7 55/64
1922	Epitácio Pessoa	6 15/16
1923	Arthur Bernardes	5 45/64
1924	Arthur Bernardes	6/
1925	Arthur Bernardes	7 17/32
1926	Arthur Bernardes	7 7/8
1927	Washington Luis	5 29/32
1928	Washington Luis	5 29/32
1929	Washington Luis	5 29/32
1930	Washington Luis	5 57/64
1931	Getúlio Vargas	4 49/64
1932	Getúlio Vargas	3 23/31
1933	Getúlio Vargas	79/128
1934	Getúlio Vargas	2 50/

Essa estatística foi publicada pelo jornal “A Gazeta” de São Paulo, em 9 de junho de 1934.

Tudo continuou como dantes, ou melhor muito pior.

E a escandalosa oficialização do jogo em alguns Estados?

Em 24 de março do corrente ano, o Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, publicou, saliente, em sua primeira página, o seguinte: “O governo do Sr. Getúlio Vargas, instituído pela revolução regeneradora de outubro, teve o privilégio de

apresentar, num exercício financeiro, o maior déficit registrado na administração do País, no primeiro e no segundo império e na primeira república: 1.108.877.991\$000 Ne”. Continua, no dia 25, o mesmo matutino: “Regenerar os costumes, os hábitos, as fórmulas, os métodos, os processos será por ventura arrancar do couro do povo um milhão e meio de contos para dá-los de presente a alguns ditosos magnatas, a pretexto de amparar a lavoura, começando logo pelo dispêndio de 25.000 contos de juros num ano em que o orçamento se fecha com quase 300.000 contos de déficit”. Escreve ainda: “Nos mesmíssimos erros, abusos e espoliações do regime reacionário deposto. E a muitos respeitos para pior. A propaganda insurrecional teria acaso prometido que os interventores far-se-iam chefes de partido, manipulado por eles próprios? Teria acaso prometido que esses interventores, seguindo, aliás, o exemplo do seu supremo chefe, seriam candidatos de si mesmos ao governo constitucional dos Estados, fazendo-se eleger pelos seus partidos oficiais?”

Assis Chateaubriand, diretor dos Diários Associados, publicou, em 13 de abril último, no Diário de São Paulo, um interessante artigo sobre a autonomia do Distrito Federal e, entre outras coisas candentes, comentou que “desgraçadamente, a corrupção do antigo regime se transferiu francamente para o novo. A mesma corte de velhacos, de aventureiros, surgiu a luz da ribalta, tendo os mesmos antigos farsantes como trombeteiros. Os sacripantas, de que se serviam os magnatas da primeira república para degolar bancadas inteiras, como a da Paraíba, eram aproveitados, com um luxo de carinho, pelos espertalhões da segunda, como se eles encarnassem a fina flor da pureza dos costumes e da verdade democrática” e assim termina: “Graças a Deus, sobre o Rio ainda não baixou o crepúsculo de uma Bayonne, para que ele seja devorado, à luz do meio dia, pelo Staviskys da atualidade brasileira”.

Pouco depois, apenas alguns dias, veio a furo o sensacional, escandaloso, enxovalhante e ainda não bem esclarecido caso do “câmbio negro” em que o stavikismo nacional somente se debuxou...

Homens do estalão de Stavisky ou de Hermes Cossio vivem espalhados por toda a parte, a ocasião faz o ladrão, e aqui mesmo, decerto, os há, encubados e ocultos,

só lhes faltando a oportunidade propícia para o exercício de suas aptidões: são bens comparáveis aos micróbios produtores de moléstias infecciosas.

Temos mas grosso pela frente, mas temos que transpô-lo.

Com vontade, paciência e energia, trinômio de Victor Pauchet, no Soyez optimiste, salutar conselho de que nunca me esqueço, principalmente nos momentos difíceis da minha vida, tudo se consegue e tudo se vence.

Se Disrael vivesse agora, afirmaria da ditadura do Brasil muito pior do que desse do governo de Peel, na Inglaterra, que era a hipocrisia organizada, pois aqui, nesta terra digna de melhor sorte, até a hipocrisia é desorganizada.

Essa rajada de loucura insopitável, fúria ciclônica, ditadura de mais de 44 meses, nova torre de Babel, não conseguiu, no entretanto, destroçar o nosso patrimônio moral, e Borges de Medeiros, o velho Borges, saindo para as coxilhas no cumprimento de sua palavra empenhada, tornou-se bem o paradigma da honra gaúcha.

Gemido – O meu dileto amigo Dr. Ibrahim Nobre, também ex-exilado e de alta envergadura, ídolo do povo paulista, individualidade de escol, o majestoso e elegante orador do Redimir – Refazer – Libertar e do O clarim – O clarão - A clareira, estilista, cuja palavra, escrita ou falada, é sempre primorosa, em uma das suas encantadoras palestras, das mais formosas que tenho ouvido, em o meu quarto, no Hotel Reina, a Avenida de Mayo n.º 1120, em Buenos Aires, comigo João Neves da Fontoura, João Baptista Luzardo, Victor Graeff, Octacílio Fernandes, Lindolfo Collor, João Lagomarcino e Aníbal Loureiro, teve a seguinte expressiva frase: “O Rio Grande do Sul, depois da prisão do Dr. Borges, é um constante gemido”.

E disse uma grande verdade.

Se nem todos, por motivos especiais, podem altamente articulá-la nas manifestações do seu pensamento, sou capaz de jurar que a grande maioria do povo sul-rio-grandense, sua quase totalidade, acabrunhada e entristecida, sente, em seu coração, esse gemido de repulsa e de revolta, esse aí de dor e de saudades, essa exclamação de pasmo e de indignação.

Provocando grande hilaridade, em um instante que a língua lhe traiu o pensamento, através do subconsciente de Freud, que agiu pela força do recalçamento, o deputado autonomista Ruy Santiago, da maioria getuliana, dirigindo-se ao deputado mineiro Campos do Amaral aparteou-o textualmente: “O governo do Sr. Getúlio Vargas será um dia ‘justiçado’ pela opinião nacional”. E entre estrepitosas gargalhadas de toda a assistência o que embatucou o notável trocadilhista, afirmou, sem pretendê-lo, uma também grande verdade.

Os acontecimentos, que levaram o Dr. Borges à prisão, deprimem, envergonham, rebaixam e aviltam os homens da ditadura, modernos cavalheiros de triste figura, que, só de cabeça baixa e de face pálida, poderão se apresentar no plenário do juízo da opinião pública, que, no dia da sua liberdade e com sua soberania refeita, os condenará, irrefragavelmente, depois de formidável queda, a maldição perpétua.

Serro Alegre – Imortalizou, com um púgilo de bravos, o venerando chefe sulino, mais uma vez, a data gloriosa de 20 de setembro, na estância do Serro Alegre, em 1932, no município de Piratini, exatamente 97 anos depois da epopeia farroupilha, e, para maior glória, nos mesmos lugares históricos.

É preciso se ter escutado, e eu tive essa fortuna, a palavra serena, mimosa e brilhante do valoroso Baptista Luzardo, para bem se julgar de bravura indômita, da valentia sem par e do heroísmo sublime de Borges de Medeiros, que só se rendeu com 11 companheiros, depois de esgotada toda a pequena munição e de haver, em seguida, queimado a última bala de seu revólver.

Sylvio Faria Correia que, peleando corajosamente, e confirmando assim a raça, foi, de tudo, testemunha presencial, ao terminar o seu valioso e importante folheto sobre esse memorável feito, que não deslustrou os de 1935, e estudando os dois chefes combatentes, deste modo se externou: “Foram dois autênticos atletas da Moral e da Bravura. O povo em cujo coração vibra e palpita a alma das nacionalidades, saberá fazer-lhe justiça. Foram verdadeiros Oz com as do Rio Grande.”

Borges e Luzardo, adversários de ontem, selaram, nesse combate histórico, a sua amizade de hoje, e quiçá, amanhã, a fusão dos partidos a que pertencem.

Borges e Pilla – Em Recife, onde o eminente estadista publicou o Poder Moderador na República Presidencial, trabalho iniciado na ilha do Rijo na Baía de Guanabara, onde a sombria ditadura o manteve preso durante três meses, o povo, na filosofia de sua velha experiência, na sua apreciável e espontânea sabedoria, sincero, respeitoso e com veneração, já denominou a sua modesta vivenda, na praia da Boa Viagem, o Irapuã do Norte, e essa casinha passará naturalmente à história como relíquia, como lição, como exemplo...

O Dr. Borges de Medeiros “concebeu a ideia de elaborar projeto de uma constituição que, de fato, correspondem às aspirações nacionais e fosse qualquer coisa de essencialmente brasileira e o seu livro é, ao mesmo tempo, uma bandeira de idealismo, desfraldada por um homem que tem atrás de si inestimáveis serviços prestados ao País, sempre com o maior desinteresse e a maior abnegação cívica” (Diário de Notícias). O Dr. Borges de Medeiros, por morte do Dr. Júlio de Castilhos em 1903, foi investido da chefia unipessoal do Partido Republicano, por consagração máxima dos seus correligionários.

O Rio Grande do Sul atravessava então uma época política cheia de ódios, administrativa cheia de dificuldades.

Pouco a pouco, foi o chefe apagando rancores, aparando arestas, serenando os ânimos, desenvolvendo o Estado, dotando-o de melhoramentos compatíveis com as escassas posses do momento, restabelecendo assim a confiança em todos os departamentos da atividade social. Borges nunca determinou uma violência, e, muitas vezes, teve de arcar com grandes responsabilidades, por excessos praticados por amigos atrabiliários; nunca mandou fraudar uma eleição, e teve que silenciar por abusos de seus correligionários.

Sei que, uma vez, um diretor político da zona colonial dissera-lhe ter feito uma eleição a bico de pena, e recebeu imediatamente do chefe acre censura por tal procedimento.

Sofreu, por parte da imprensa adversária, cuja boca nunca foi arrolhada, os mais fortes e os mais violentos ataques, e nunca permitiu que se exercesse vingança em represália.

Os seus inimigos, porém, nunca o atacaram em sua honradez: reconheciam-na e mesmo proclamavam-na.

Ser honrado é uma obrigação comum a todos os homens, mas, nestes tempos calamitosos de desmoroamento moral, de transposição de vísceras, de dissolução de costumes, chega a ser uma virtude. Nunca uma gota de lama salpicou-lhe a reputação.

Saiu pobre do governo, crivado de dívidas particulares, e lá se foi, de mãos limpas, de coração tranquilo, modesto e sereno, rumo à sua propriedade pastoril do Irapuazinho, refazer as suas finanças, verdadeiramente desmanteladas, deixando, porém, as do Estado em perfeita organização.

Eis o que, sob o título “Símbolos raros na corrupção contemporânea” escreveu a valente “A Gazeta” de São Paulo, em 4 de junho deste ano: “O Sr. Borges de Medeiros, apesar de tão discutido, durante o longo período de sua carreira política, é um homem que não receia o juízo da história, a sua presença nos tribunais julgadores. Na sua vida não há margem para as sanções penais. Esse sereno solitário realizou, no Brasil, a proeza – digamos proeza – de ficar impassível à irresistível sedução do ouro. Nunca as suas mãos puras passearam pelas miraculosas arcas do tesouro. Nunca constituiu comanditas. Nunca a sua honestidade maravilhosa, que é um padrão de orgulho para o Brasil, para a América, e deu à lisonja, à tentação dos presentes. Por ventura só isso não vale a glorificação de um homem, que jamais encontrou, no meio em que desenvolveu a sua atividade política, estímulo a probidade? Por ventura só isso não representa um fato extraordinário e dignificante? Os exemplos de homens assim, mesmo fora do Brasil, não são numerosos. Cada vez mais eles rareiam, cada vez mais esses símbolos desaparecem na corrupção contemporânea. A vida do exilado de Recife pode ser devassada a qualquer hora. O paralelo dela com o de outros políticos, que vivem aí a falar de honra, de dignidade, de escrúpulo, é bem chocante chega mesmo a ser absurdo...”

Revolta-me ouvir os mais dilatados e disparatados elogios às administrações que lhe sucederam como as únicas que fizeram algo pelo Estado.

O exagero desses elogios não é mais do que miserável bajulação, torpe engrossamento, nojento chaleirismo [bajulação], com o qual ninguém se deveria importar, se não encerrasse, em seu bojo pançudo, uma tremenda e estúpida injustiça. Entrem dentro do Tesouro do Estado, comparem as receitas de cada época, observem as despesas, estudem os saldos, vejam os empréstimos, somem os bônus, verifiquem as dívidas, examinem tudo, e depois dêem a palavra ou a pena a um homem sensato, para que, como juiz, fale ou escreva a respeito.

O seu governo foi sadio e progressista: a indústria floresceu em suas várias manifestações de riqueza; a lavoura prosperou em dezenas de novas colônias e de velhos núcleos; o comércio, em geral, desenvolveu-se de modo espantoso; a ciência teve o seu decidido apoio; as artes, o seu eficaz auxílio; a construção da barra deixou de ser um sonho; a encampação da estrada de ferro foi uma realidade; a discriminação das terras devolutas trouxe notável impulso; o ensino mereceu-lhe especial carinho e, sobretudo, a justiça, na frase de Bossuet “o bem sagrado da sociedade humana” teve o seu amparo direto e o seu máximo respeito.

Sei também que conhecido político, envolvido em fato delituoso, pedira-lhe uma audiência, a fim de lhe expor uma determinada situação, e, logo de início, quando ia entrar no assunto, o chefe ponderou-lhe assim: “Liquide em primeiro lugar, o seu caso com a justiça, e depois volte aqui”. O Dr. Borges de Medeiros teve e tem amigos verdadeiros, hoje em maior número, de grande sinceridade, capazes de maior sacrifício por ele, mas estes não são aqueles frequentadores assíduos dos tapetes governamentais e que o rodeavam constantemente à procura de sua graça, não são aqueles que atiravam-lhe, cara a cara, os maiores elogios e lhe batiam palmas por todos os seus atos; não são aqueles que lhe diziam apoiado, antes de que ele externasse o seu pensamento e com ele, passivamente e sempre, concordavam; não são aqueles que diziam atar em seu pescoço a sua indestrutível solidariedade e que declaravam, solenemente, acompanhá-lo “à l avie et à la mort”; não são aqueles do errado despenhadeiro do Rio Grande do Sul e que, fatalistamente, endossaram o “amado chefe”, para, anos depois, afirmarem que o

Sr. Borges de Medeiros foi apenas um funcionário que assinava papeis, e que outra visão não tivera.

A revolução de 1932 foi uma peneira...

Os seus dedicados amigos, com algumas exceções, estavam em outros arraiais, ocuparam, guardas-fieis, as cadeiras de segunda classe, ironizados pelos maiores de então, sofrendo muitas vezes, e caladamente, amargas preterições, mas de uma fidelidade paralela à honra do chefe preclaro.

Ligava-nos, e liga-nos ainda, a sinceridade e não o interesse.

O Dr. Raul Pilla, erudito médico e professor, ilustre político e sociólogo, distinto presidente do Diretório Central do Partido Libertador, é um cidadão que, pelas excelsas virtudes que ornamentam o seu caráter, pela sua cultura invulgar, pela sua notável serenidade, pela alvura da sua moral, pela sua irrepreensível conduta, já passou os limites de seu Partido, e vem recebendo, dentro da nossa casa política, os mais francos e os mais significativos aplausos.

Tive, no exílio, a feliz oportunidade de travar com ele íntimas relações, das quais muito me orgulho, e de observar, de perto, a sua elevada orientação política e pessoal.

É um digno amigo de Borges de Medeiros, paladinos ambos da liberdade, única força renovadora, no conceito de Nitti. Esses dois homens, para o bem e para o futuro do povo sul-riograndense, não podem estar separados: os Partidos Republicano e Libertador estão hoje irmanados na mesma ideia, “essência misteriosa que vive e cresce por uma lei real – a lógica” (Emílio Castelar).

Ripoll – Em 31 de janeiro do corrente 1934, foi, como todo o Brasil sabe, vítima de nefando atentado, até hoje e talvez para sempre impune, na cidade uruguaia de Riviera, o Dr. Waldemar Ripoll, símbolo de uma época e mártir de um ideal.

Quando o sol, naquele dia, se levantou, espargindo luz e calor, animando a terra e a vida, veio encontrar o corpo frio, exsangue e mutilado do seu grande e jovem amigo, que, em vida, irradiava, como ele luz e calor, inteligência e energia.

Que tremenda injustiça!

“Mas, exclamou, de uma feita o eminente tribuno espanhol D. Emílio Castelar, no Ateneu de Madrid, nunca fica na história sem um grande castigo uma grande injustiça”.

O móvel do crime não foi o roubo... e o crime se revestiu da maior brutalidade, o non plus ultra da perversidade: esmagaram-lhe o crânio a olho de machado. Esse processo bárbaro, que faz tremer, espavorido, um louco, profundamente mergulhado na noite escura da inconsciência, não lhes repugnou, por isso que estava de acordo com a mentalidade de então: opressão, terror, corrupção. Foi a morte, de modo bruto, naquela madrugada rubra e sinistra, esmagar, por mão brasileira, o seu crânio moço, cheio de talento e de bondade, de esperanças e de cintilações, de modéstia e de heroísmo, lá no exílio, em País amigo, onde procurara o sossego e a liberdade, corrida da sua terra, como eu e outros muitos, pelo único crime de querer vê-la constitucionalizada, reintegrada na posse de si mesma. O machado, que derruba tantas cabriúvas e guajuviras, tantos louros e angicos, derrubou também a Ripoll, que passou a viver, na morte, dentro dos nossos corações, ao passo que os seus bandidos, que Deus, do alto da sua sabedoria infinita e de seu incomensurável poder, conhece bem, e o demônio, debaixo do delírio de suas perfídias e embustes, guardará melhor, passaram a morrer em vida, dentro do anátema da opinião pública.

O criminoso, escolhido a dedo, negro relapso, vil, estúpido e inconsciente, tinha que desaparecer... mataram-no também... era do programa... não mais poderia falar pelo perigo constante de poder apontar os responsáveis mandantes.

A policia, acossada pela gritaria pública com seus frêmitos de altivez e de independência, atirou-se à pista dos criminosos, e não lhe era difícil descobri-los, mas, estou convencido, tudo será inútil: de nada valerão o clamor da família, as reclamações dos amigos, dos correligionários e da imprensa!

Os mandantes viverão sorridentes, nédios, luzidios, no gozo de uma impunidade que horroriza.

Podem, no entretanto, os nossos impenitentes adversários ter a certeza de que a Frente Única, por maiores que sejam essa e outras dores, não se transformará em estátua como Niobe, diante da crueldade de Diana e de Apolo.

Vi, certa vez, um pleno sertão, em um humilde cemitério, uma cruz de cedro, que brotou em vigorosos ramos.

Na sepultura de Ripoll dever-se-ia também plantá-lo assim, em cruz, a fim de que seu sangue generoso, absorvido pelas raízes e como seiva fertilizante, circulasse em suas folhas, em suas flores, em seu tronco, em seus galhos, braços elevados para o céu na ânsia do infinito, clamando, ao sopro dos ventos, justiça, sempre justiça, só justiça.

Evocando o jazido do muito querido companheiro, semeador de ideias e semeador de esperanças, e como saudosa homenagem de amigo, lembro-me das palavras de Belisario Roldan diante do túmulo de Bartolomé Mitre: “Al borde de la tumba que acaba de abrisse no se llora. Algo hay mas alto que el dolor. Las lagrimas traducirian esta vez uma emoción subalterna. No, pues, el vano lamento ni la inutil protesta contra el decreto providencial. No estamos em presencia de una muerte; estamos em presencia de una ascención. Ahora le veremos mas e mijor, porque asi como para abarcar la montana, em toda la amplitud de sus líneas, es menester alejar-se de ella, asi tambien para admirar em todo su esplendor estas vidas de culminación, es fuerza que la muerte realice la paradoja aparente de imprimirles el sello de la vida, presentandolas altas y solas, intáctiles y transparentes em el plano superior de la inmortalidad. Há entrado en la inmortalidad, que es la negación de la ausência, opulento de titulos, como de velos uma novia al templo”.

Toda a causa santa tem um mártir, e Waldemar Ripoll, o moço idealista do bem público, foi o nosso.

Como o sol que sempre desfaz densas cerrações, penetrando no mais baixo dos vales montanhosos e nas mais fundas canhadas [precipícios] das coxilhas verdejantes, a verdade, mais ou menos tempo, terá que surgir e a bárbara tragédia, hediondo crime, opróbrio aos homens e escárnio à justiça do Rio Grande do Sul,

aparecerá então na sua nudez medonha, despida do manto de mistério, com que se a tem envolvido.

Na famosa carta do “Acuso” ao Sr. Loubet, então presidente da França, Emile Zola, em 1900, gravou: “Por mais que se enterre a Verdade, ela caminha sob a terra para um dia brotar, em toda parte, desabrochando em florações de reivindica.”

Argentina – Quando na Argentina, por circunstancias que bem conheceis, tinha eu, sempre e sempre, diante dos olhos, a grandiosa conformação geográfica da Pátria, da qual, até em sonhos, não me esquecia, e “dos sonhos generosos saem realidades benfazejas” asseverou Anatole France; vinha-me à memória, a todo instante, a beleza incomparável e inconfundível desta rica terra; acariciava, amiúde, no imo do meu ser, a sua radiante vida histórica e idealizava um futuro, fulgurante e sem par, ao meu Brasil... e hoje que, mais do que contente, nele estou, revendo a querência, os pagos, a família e os amigos, sinto também, e sinceramente, que nunca mais me olvidarei da linda e formidável nação argentina, em cuja sombra de bandeira, em boa hora, me acolhi, bandeira branca e celeste, e que assim é “porque al cruzar la cumbre mas alta de la cordillera andina, el sable de José de San Martin, alzado em la vertical, absoluta de la ultima invocación al Dios de las victorias, arranco y trajo en la punta um pedazo de cielo como ejecutando militarmente el voto soberano del ano diez y seis...” feliz por ver naquele radioso céu azul as mesmas estrelas deste radioso céu azul, e orgulhoso de viver naquele solo, que guarda, em seu seio majestoso, homens como Mitre, Rivadavia, Saavedra, Dorrego, Sarmiento, Saenz Pena, Urquiza, Carlos Pellegrini, Echeveria, Julio Roca, Trigoyen e tantos outros, e na Catedral de Buenos Aires, El santo de la espada, vencedor de San Lourenzo, Chacabuco, Maipú e Cancha Rajada, o senhor da independência da Argentina. Do Chile e do Peru.

Do meu pequeno Passo Fundo, ainda não tão pequeno como alguns de seus filhos e falsos amigos aspiram deixá-lo, do meu querido Passo Fundo, dinâmico e construtor, envio, agradecido, uma vibrante saudação à grande Argentina, república irmã e gloriosa.

Silêncio – A pena parou aqui, a palavra emudeceu com ela e o silêncio se fez.

Só o pensamento continuou a trabalhar, recordando-me que Alfredo de Vigny, valente soldado e artista da palavra inspiradamente poetizará um dia: “seul le silence est grand, tout le reste est faiblesse”.

Pois bem, se só o silêncio é grande, e em forte homenagem aos Drs. Borges de Medeiros e Raul Pilla, um muito de respeitoso e profundo silêncio, e, como um melodioso hino longínquo e uma prece fervorosa e meiga, que se prolonguem até Deus, pelo infinito misterioso dos mundos, só se possa ouvir, em perfeita harmonia, o palpitar isócrono dos nossos corações e a vibração ardente das imensas forças da nossa alma.

Silêncio!

E agora, com o maior penhor da minha melhor gratidão, um rumoroso viva à Frente Única do Rio Grande do Sul.

Passo Fundo, 23 de outubro de 1935.

160 DISCURSO PELO CONSELHO MUNICIPAL pg. 64

Proferido em 11 de janeiro de 1920, num banquete oferecido ao Conselho Municipal, nesta cidade, por conclusão de seu mandato.

Excelentíssimos Senhores – Conhecido que foi, em 1916, o precário estado de saúde do prestigioso diretor da política republicana local, Coronel Gervazio Lucas Annes, prognosticado um desenlace fatal, elementos subversivos, do brilho dos fogos fâtuos, que procuraram galgar posições nesta terra, criaram ao redor daminha obscura individualidade uma atmosfera irrespirável de malquerenças, de paixões e de ódios.

Pelos mais frívolos motivos, na surdina, espíritos satânicos, à minha passagem, de longe, deixavam escoar pela boca larga uma fétida secreção de baba mórbida... e tudo isso porque o velho chefe, em um momento de bondade e de previsão, anos antes, tecendo-me imerecidas referências, declarara ao povo de Passo Fundo

que, para ele, seria motivo de verdadeira satisfação, se, no dia em que se afastam da chefia, fosse, nesse ponto, substituído por mim.

Avesso, por temperamento, a qualquer posição de destaque, e principalmente de mando, tanto que fui “recusante insistente do cargo de intendente do município” como se poderá ler n’O Gaúcho de 3 de abril de 1909, observando a borrasca armada em nimbos no horizonte, prevendo uma grande luta, tratei de evitá-la, chegando ao ponto de procurar um outro Estado, em que, ignorado, pudesse eu viver tranquilamente. Julguei que uma ausência, com a demonstração clara, positiva e iniludível de que eu não era aspirante à posição alguma, fizesse serenar essas almas daninhas, porém o rancor dessa gente até lá me perseguiu e, profundamente revoltado, resolvi regressar, e regressei, obedecendo aos impulsos de um dever supremo.

A minha volta foi, em 12 de agosto de 1916, assim noticiada pelo O Gaúcho, que já seguia a orientação de hoje: “Do Estado de Paraná regressou o Dr. Nicolau Araújo Vergueiro”.

O Cel. Gervazio Lucas Annes, revoltado com a desconsideração dessa local, escreveu ele mesmo uma outra, determinando que fosse publicado no número seguinte e, como testemunho, lá está, no mesmo periódico, em 19 de agosto: “Boas vinda. Do Estado de Paraná, onde foi a passeio, regressou na semana passada o nosso amigo Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, a quem O Gaúcho, como órgão oficial do partido local, tem a satisfação de cumprimentar, como um dos bons companheiros, que muito tem servido a esse partido. O Dr. Araújo Vergueiro pouco demorará, nesta cidade, seguindo na próxima semana para Porto Alegre, onde se acha a sua Excelentíssima Família. Como se aproxima a época da Assembleia dos Representantes, da qual é muito digno membro, S. S. demorar-se-á algum tempo naquela Capital.”

A publicação dessas duas locais no mesmo jornal, com a mesma responsabilidade redatorial, bem estereotipa um caráter. Marcou a minha chegada da Capital do Estado uma impressionante homenagem, recompensadora de amargas horas de saudades. Eu me sentia atraído por uma força poderosa e irresistível a esta terra, qualquer notícia dela, embora vaga, me fazia estremecer os nervos e “não sei, na

expressão de Alves Mendes, que encanto tem para nós esse fragmento de solo onde vertemos a primeira lágrima e esse pedaço de céu onde bebemos a primeira luz... não sei que enlevos nos despertam esses lares onde tentamos os primeiros passos e esses lugares onde balbuciamos as primeiras preces... não sei que emoção – que inefável e suavíssima emoção – ora alegre como a esperança, ora melancólica como a saudade, nos comunicam esses sítios, que abrigaram o nosso berço ou que abrigam as cinzas dos nossos pais”.

Nesse memorável dia eu bem compreendi, eu bem tive nítida percepção de meu dever neste pedaço do Rio Grande do Sul, que tinha de ser o meu ponto de ação, o meu círculo de atividade ao lado dos meus amigos e que não me era lícito, de maneira alguma, desamparar um povo que me amparava, esquecer essa gente que não se esquecia de mim, fugir dos braços que se me abriam, repelir os corações que, ao lado do meu, palpitavam pela mesma causa, pelo mesmo ideal.

Isto posto, esperei e quis... convencido de que na vida tudo se resume em saber esperar e querer.

Em 1917, o Cel. Gervazio Lucas Annes, não mais resistindo aos embates de pertinaz enfermidade, desaparecia da face da terra, deixando saudades no coração dos seus amigos.

Ainda em vida dele, Pedro Lopes de Oliveira, intendente municipal, mandou escrever uma carta, que assinou ao benemérito Dr. Borges de Medeiros, apressando a dar ao chefe supremo do partido a notícia do próximo desfecho fatal daquela existência. E isso, pergunto eu, porque tão pressuroso o fazia? Qual era a sua intenção?

A resposta é uma só: era um meio indireto de lembrar o seu nome.

O Cel. Gervazio, porém, compreendendo que o seu organismo estava profundamente combalido, suas forças profundamente depauperadas, quase extintas, concentrando os seus já poucos elementos vitais, crendo harmonizar uma difícil situação, propôs ao preclaro estadista que dirige os destinos deste Estado e os destinos do partido fundado por Julio de Castilhos, a criação de uma

comissão executiva, composta de Pedro Lopes de Oliveira, Gabriel Bastos e Nicolau Araújo Vergueiro.

Poucos dias depois veio a falecer o chefe enfermo.

Estando eu na Capital de Estado, e tendo sido aceita e nomeada a comissão pelo Dr. Borges, fui, desde logo, convidado por ele a assumir a presidência da mesma. Não aceitei essa prova inicial de confiança, lembrando que isso poderia ferir a susceptibilidade do antigo intendente que, seguro ao cargo e governado por elementos subalternos de sua administração, já vinha revelando, por atos e palavras, incomensurável desejo de uma ascendência, que não poderia ter sobre nós outros, de uma superioridade que não poderíamos aceitar pela sua notável incompetência, crassa ignorância, incapaz de agir por si, incapaz de sustentar e de ter mesmo uma opinião inteiramente sua.

Nessa ocasião recebi um grande número de telegramas de solidariedade política e peço vênias para transcrever apenas um, a fim de provar que o jornal A Voz da Serra não era um elemento perturbador da boa marcha do partido republicano. Ei-lo: “Dr. Araújo Vergueiro. Porto Alegre. Satisfação vemos em parte realizadas nossas aspirações indicação vosso nome membro comissão executiva, que atualmente corresponde forma conagraçamento família republicana passo-fundense, momento doloroso desaparecimento seu prestigiado chefe, Cel. Gervazio. Contai, como sempre, nossa dedicação (assinado) Voz da Serra.

Reunidos diversas vezes, Gabriel Bastos, desde logo, revelou-se um espírito moderado, desprovido de ambições mesquinhas, calmo e inteligente, altivo e bondoso, verdadeiro republicano do regime democrático, ao passo que Pedro Lopes de Oliveira, ao contrário, irrequieto e irrefletido, saltitante e baldoso, pensando hoje de modo diferente de ontem, desfazendo e desdizendo o que fazia e dizia na véspera, sempre indeciso, sem opinião própria, velho gramofone... e assim dessa maneira íamos desempenhando esse encargo em contínuas questiúnculas, constantes contrariedades.

Nesse ínterim, éramos, Gabriel Bastos e eu, atacados em linguagem violenta por um jornal dirigido por um empregado e cunhado de Pedro Lopes de Oliveira. Em

face de semelhante impertinente e brutal agressão, procuramos num gesto grandemente harmonioso, de excessiva moderação, ao edil, solicitando sua intervenção para que cessassem, de uma vez por todas, esses ataques injustificáveis, que só tinham por escopo lançar a cizânia no seio do partido e no seio da sociedade desta terra... e Pedro Lopes, sem medir consequências, que hoje bem lhe devem ter amargurado, cortejando vã popularidade de político vulgar, sorrindo na obsessão do submisso, houve por bem se pronunciar contra nós, apoiando d'est'arte aquelas repelentes verrinas [censuras violentas]. A ruptura estava feita... e assim éramos arrastados para esse terreno escabroso de luta dentro do próprio partido pela desmedida ambição do intendente e pela necessidade urgente de uma reação enérgica.

Levamos pessoalmente o fato ao conhecimento do chefe supremo do partido, e este, por telegrama, chamou à capital aquele membro da comissão em minoria.

Com seu espírito conciliador, Borges de Medeiros, depois de ouvidas as partes, uma por uma, aconselhou-as convenientemente, concitando-as, com a sua firme orientação, no sentido de esforços congregados para boa marcha e engrandecimento do nosso pujante partido e propôs que:

- a) Pedro Lopes de Oliveira nomeasse o Tenente Cel. Eduardo Manoel Araújo para o cargo de vice-intendente de Passo Fundo, vago com o falecimento do Cel. Gervazio, como era desejo e indicação da maioria da executiva.
- b) A suspensão imediata, por telegrama da publicação dos jornais O Gaúcho e o Regimen, o primeiro adepto de Pedro Lopes e o segundo de Bastos e Vergueiro.
- c) A aquisição, por compra, d'O Gaúcho pela comissão, a fim de transformá-lo em órgão oficial do partido e, no caso de seu proprietário embarçar a transação ou não mais querer vendê-lo, continuando a atacar a maioria da executiva, o intendente o demitiria do cargo de secretário da municipalidade.

Aceitar essas condições, em solene compromisso, foram transmitidos para aqui os respectivos despachos telegráficos, responsabilizando-nos pelo O Regimen e Pedro pelo O Gaúcho.

Satisfeitos fomos, convictos pela nossa boa fé, da sinceridade do edil, no dia imediato levar-lhe na gare da estação da estrada de ferro de Porto Alegre as nossas cordiais despedidas.

Três dias depois chegávamos a Passo Fundo e dupla era a decepção, porque o intendente não comparecera ao desembarque, correspondendo com essa grosseria a nossa gentileza e, o que é mais grave, o seu jornal, na hora do nosso regresso, estava sendo largamente distribuído, com igual orientação anterior.

Faltou assim o intendente, pela primeira vez, a convenção de palácio, pisoteando em sua palavra.

Um homem que assim procede, com incivildade e com manifesta má vontade, faltando com a sua palavra empenhada em solene compromisso... desde esse momento estava francamente revelado e não poderia mais merecer absoluta confiança e os fatos posteriores encarregaram-se de comprovar, de sobejo, essa nossa afirmativa.

A nomeação do Tenente Cel. Eduardo Manoel Araújo para o cargo de vice-intendente só foi levada a efeito depois de ter sido Pedro Lopes de Oliveira aguilhoado com o seguinte telegrama: “Coronel Pedro Lopes – Passo Fundo – Vergueiro, Bastos informam que, apesar solene compromisso perante mim assumido acerca suspensão jornais Regimen, Gaúcho, continua esse último a ser publicado, mesmo depois do vosso regresso, agredindo executiva, adulterando verdade nossa conferência. Pondero-vos conveniência observação tudo ficou aqui assentado, intuito normalizar situação, já nomeando Eduardo Araújo vice-intendente, já transformando Gaúcho órgão partido local. Confio vosso civismo e solidariedade partidária (assinado) Borges de Medeiros.

Onde mais se revelou a poderosa ação dos resistentes tentáculos, que traziam e trazem em eterno cativo a pessoa do administrador desse município, digno por certo de melhor sorte, foi na questão do jornal O Gaúcho, em que Pedro Lopes de Oliveira, exímio malabarista, colocou interesses pessoais e egoísticos acima de interesses coletivos.

Sua palavra, empenhada ao chefe do partido, já fora irrisoriamente burlada, desprezada sem o mais leve resquício de consideração, posta, como sempre, em plano muito secundário. Foi o condutor de três propostas de seu cunhado, que não poderiam, de forma alguma, serem aceitas, porque todas elas viravam a efetiva permanência e a direção, direta ou indireta, desse elemento, cujo afastamento era “*conditio sine qua non*” da aquisição daquele órgão.

Assim privados de um acordo, fomos, por último, levados a exigir, conhecendo d’antemão o resultado, o cumprimento da segunda cláusula, isto é a demissão do lugar que vinha “*in nomine*” exercendo na municipalidade o seu assessor, a quem hipotecou solidariedade, faltando assim, pela terceira vez, ao seu espontâneo compromisso de honra em palácio.

Daí por diante cortamos relações com Pedro Lopes de Oliveira, dispostos a lhe fazer conhecer que a sua individualidade era uma interrogação quase que apagada nesta terra, que a sua posição na curul intendencial nada mais era do que o reflexo de prestígio do chefe extinto, que o seu valor, como político, era nulo e que era coisa muito fácil enfrentá-lo e derrotá-lo.

Nos primeiros dias de Setembro de 1917, em missão política, como representante do Tenente Cel. Lolico, seguiu para Porto Alegre o Sr. Brasília Lima que, segundo era voz corrente e resultado certo entre os espíritos de credulidade fácil, iria conferenciar com o Dr. Borges, a fim de dar, estulta [tola] vaidade, um golpe decisivo na questão da política local. Uma semana depois segui para tomar parte nos trabalhos da Assembleia dos Representantes. Aquele pobre emissário lá esteve 14 dias sem ser atendido em palácio nos fins de sua viagem, e somente o foi depois de minha conferência. Solicitou a reoficialização d’O Gaúcho, a extinção da comissão executiva e mais quejandas pretensões... e nada, absolutamente nada conseguiu.

De regresso, reeditou em seu jornal, contra a maioria da executiva, uma série de ofensas, de violentos ataques em que vazava todo ódio negro de sua negra alma, os quais, de ricochete, feriam apenas o seu autor, aliás, bem conhecido.

Nessa ocasião A Voz da Serra, empenhada na luta em prol da reivindicação dos seus princípios republicanos, publicou o seguinte: “E O Gaúcho, órgão da facção chefiada pelo Tenente Cel. Pedro Lopes de Oliveira, tem o seu beneplácito, vive a sombra de seu nome e é o estandarte das suas aspirações políticas! Ou o gaúcho se publica a revelia do Tenente Cel. Pedro Lopes de Oliveira e este nada mais influi na direção do órgão de seu pensamento político, abdica do direito de orientá-lo, segundo as injunções de seu caráter, conforme os ensinamentos de sua cultura cívica; ou o Tenente Cel. Lolicco dirige aquela folha, sanciona-lhe a conduta abjeta, identifica-se com ela, fala através de sua linguagem... na primeira hipótese, o Tenente Cel. Lolicco nada dirige, nada chefia, não tem vontade, é figura decorativa lamentavelmente colocada à frente de aventureiros para lhes coonestar o assalto às posições políticas. Na segunda hipótese, S. S. norteia de fato a vida pública do jornal, que lhe serve de bandeira, confunde-se com ele e com ele merece o nosso irretratável desprezo”.

Havendo essa folha, na sua megalomania, afirmado em suas colunas que continuava a ser o órgão oficial do partido, embora sem anuência da maioria da executiva, diversos amigos reuniram-se, em 8 de Outubro de 1917, na casa do nosso pranteado companheiro, baluarte da nossa causa, Capitão Jovino da Silva Freitas, a cuja memória rendo culto de verdadeira saudade, e ali elaboraram o telegrama que se segue: “Dr. Borges de Medeiros – Porto Alegre – Diante reaparecimento Gaúcho, declarando dispensar placet executiva para, como dantes, continuar sendo órgão oficial partido, semeando ao mesmo tempo paixões dispersivas seio agremiação republicana, resolvemos cientificar semelhante atitude a v. Ex., a quem reafirmamos incondicional solidariedade, fazendo-a extensiva deputado Vergueiro, Gabriel Bastos, representantes nossa corporação eleitoral subordinada direção suprema preclaro chefe. Saudações. (assinados) Eduardo Manoel Araújo, Ângelo Pretto, Aníbal Silva Lemos, Candido Marques Rocha, Lucas José Araújo, Dr. Antonio Bittencourt Azambuja, Oribe Marques, Horácio Bastos, João Baptista Oliveira Mello, Arnaldo Hoffmann, Antonio Fernandes Motta, Antonio Ferreira Amaral, Eduardo Kurtz, Cantidio Pinto de Moraes, Lauro Xavier, Eduardo Bartz, João de Cezaro, Filemon Lopes, Ivo José Ferreira, Frederico Graeff, Dr. Augusto Loureiro Lima, Mario Braga, Florêncio

Antunes Oliveira, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, João Baptista Cúrio de Carvalho, Fioravante Spiazzi, Faustino Rodrigues, Manoel João Oliveira Lima, Affonso José Ferreira, Franklin Machado Silva, Braz Martins Oliveira, Inocêncio Correia Pinto, Virgílio Barlesi, Samorim Barbosa, Diniz Lemos, Moysés Dipp, Hermínio Biassuz, Antonio Weber, Fladomiro Amaral, José Silveira, Blandino Kurtz, Luiz Pinto Vieira de Mattos, Ulysses Marques, Frederico Kurtz, Lauro Loureiro Lima, Joaquim Gabriel de Oliveira Lima, Luiz Meira, Emílio Stumpf, Alfredo Graeff, Jovino Silva Freitas e Dr. Arthur Leite”.

É esse, meus senhores, o notável grupo dos 51, de que guardo, ao lado dos 29 do 7º distrito, inapagável recordação. Por motivo desse telegrama, tive longa conferência com o Dr. Borges de Medeiros que me autorizou a endereçar o seguinte À Voz da Serra: “Dr. Araújo Vergueiro acaba conferenciar Dr. Borges Medeiros. Este autorizou aquele deputado declarar jornal Gaúcho não é e não será órgão oficial partido republicano Passo Fundo. Não deu e não dará autorização esse jornal apareça com semelhante rótulo”.

A própria Federação, órgão do nosso partido autorizado pelo chefe supremo desmentiu a notícia, que se havia espalhado no sentido de ilaquear a boa fé do ilustrado republicano deste município.

E assim desvaneceu-se a irrisória pretensão, arrebentou a fita colorida do decantado “órgão oficial”.

Diversas denúncias impropriedades e ridículas, do valor e da resistência das bolhas de sabão, produto patológico de cérebros dominados pelo ódio, cegos pela paixão, o regime da chibata em pleno viço, uma tenaz perseguição aos nossos companheiros; sempre a mentira, nunca a verdade; não procurando meios para chegar aos fins; verdadeira política maquiavélica, ao par de uma dolorosa inércia administrativa eram bem os característicos da grei contrária.

Como náufragos sem esperanças bracearam desordenadamente, vendo numa palha uma tábua de salvação e, esgotamento das forças, obscureceram até a própria consciência com a nebulosa do extermínio próximo.

Denunciaram Arnaldo Hoffmann como espião da Alemanha, tendo um aparelho rádio-telefônico nesta cidade; denunciaram fantásticos contrabandos aqui passados, sem a precisa coragem de positivarem fatos; denunciaram Ernesto Falk, agente do Correio, como “teuto-alemão”. Essa patusca e monstruosa está acordo com a de “missão luso-brasileira”, do secretário da Intendência, ao embaixador italiano Victor Luciani e será crucificado, no morro da parvoíce, tendo, à direita, o miserável Manso Coimbra confundido, pelo intendente, com a figura genial de Shakespeare e, à esquerda, um militar qualquer, também pelo edil, tomado pelo legendário general Andrade Neves, o heróico e intrépido guerreiro, que na ponte de Surubi deteve pela sua coragem os inimigos, repetindo a façanha de Bayard contra os espanhóis, na ponte de Garigliano, na feliz comparação do general Dionysio Cerqueira.

Senhores – É aplicável a Pedro Lopes de Oliveira a interrogação de Madame Stael: “Que deviendrá dans l’etentité l’âme d’un homme que a fait Polichinelle toute as vie?”

Amparados pelos fortes e bons elementos do partido, com a frisante demonstração de franco apoio do Exmo. Sr. Borges de Medeiros, ao contrário deles, íamos nós de vitória em vitória, implantando nesta terra o regime da ordem, da liberdade, da autoridade, da justiça enfim, com “a coragem de vencer serenamente pelo argumento e não a fraqueza tumultuária do insulto”, na frase do Dr. Antonio Bittencourt Azambuja.

Longo é o rosário das nossas brilhantes vitórias na campanha de saneamento em que somos empenhados e que tanto se distingue pelas constantes exonerações de adversários nossos, mal compenetrados de suas funções públicas, ao par das espontâneas adesões em massa, engrossando as nossas fileiras e, para não sermos tão extensos, lembraremos apenas: a remoção do Dr. La Hire Guerra, juiz de comarca; remoção do Dr. Silveira Martins Leão, promotor público; demissão de Renato Sá Britto, do lugar de primeiro suplente do juízo distrital da sede; demissão do mesmo Sr. Do cargo de correspondente d’A Federação; demissão de um golpe de 8 subdelegados; Demissão de Octaviano Lima do cargo de escrivão do alistamento federal; remoção e conseqüente demissão de Julio Edolo

de Carvalho do cargo de exator da fazenda, etc. etc. e nomeação de amigos e correligionários nossos para todos esses lugares.

Ante essas contínuas e resplendentes vitórias, unificadoras da nossa facção, o lolicismo, desorganizado e desorientado, vinha recuando a passos largos em franca débâcle até desaparecer com a direção unipessoal do partido, restando dele apenas, como depois das tempestades, destroços esparsos e imprestáveis.

Em 25 de Novembro de 1917, foi sufragado pelo eleitorado republicano, para o elevado posto de presidente do Rio Grande do Sul, o nome do egrégio estadista Antonio Augusto Borges de Medeiros. No município de Passo Fundo, nessa época, tudo dependia de Pedro Lopes de Oliveira, sendo todos os funcionários públicos estaduais, federais e municipais, com raras exceções, dele companheiros. Quis exibir a sua pujança eleitoral, infringindo uma derrota no vergueirismo e fez, para isso, um apelo aos seus companheiros, a quem aconselhou que votassem com cédulas separadas da executiva. E, meus senhores, esse homem, que meses antes havia sido eleito por 2028 eleitores, só conseguiu, num esforço inaudito, registrar nas urnas 941 votos. Essa escaramuça eleitoral, evidenciando esse recuo das urnas, para ele que enfeixava nas mãos todos os elementos, foi uma derrota moral, tendo ainda em vista, e muito principalmente, a força representada que, por motivos de outra ordem deixamos de comentar.

No pleito para presidente da República, em que era nosso candidato o Dr. Conselheiro Rodrigues Alves, em 1º de Março de 1918, pretendeu o intendente fazer a eleição com cédulas separadas, porque havendo Bastos e Vergueiro, inscrito no livro do registro eleitoral federal, apesar de todas as dificuldades, de todos os obstáculos, 1055 eleitores La Hire Guerra, o juiz de Comarca, incluiu somente 182, deixando o despacho dos outros requerimentos para depois do pleito. O chefe do partido, porém, tendo exato conhecimento da maneira porque estavam sendo preparadas as coisas, não permitiu esse ardil.

Algum tempo depois, na capital da República, falecia o conselheiro Rodrigues Alves e dois foram os candidatos à presidência: Epitácio Pessoa e Ruy Barbosa, o 1º, neste Estado, apoiado pelo partido republicano e o 2º, pelo federalismo. Agitaram-se as hostes, houve animado trabalho de lado a lado, e a luta, que

prometia ser gigantesca, pelo grande valor dos candidatos, não passou de uma tempestade em copo de água “bruit de tempête” apenas.

Sendo fixado o pleito para 13 de Abril, A Voz da Serra incitou Pedro Lopes de Oliveira a que novamente viesse às urnas com cédulas separadas, para que sem desculpas, sem esquivança justa, de uma vez para sempre, terminássemos com essa comédia burlesca de maioria de eleitorado e aquele periódico em 22 de Março assim se expressou: cumpria reabilitar o lolismo para a eleição de 13 de Abril próximo. Sem entusiasmo, sem amor cívico, sem fé, desesperados, prevendo inevitável derrota eleitoral, os partidários do Cel. Lolico tudo fazem por nada prometer. E as urnas se abrem... É preciso reconfortá-los para o voto que, a semelhança das eleições passadas, hão de dar com cédulas de cor diferente, para medir as forças das duas correntes em que se divide o partido republicano local. Estamos, de nossa parte, a postos para as justas do civismo contra a prepotência dinástica do agrupamento adversário”.

Em 5 de Abril, Pedro Lopes de Oliveira, no mais infeliz dos seus lances, pela imprensa, atribuiu a responsabilidade do pleito à executiva, tendo com os adversários de sempre, uma longa conferência na manhã daquele dia.

Federalistas e lolicistas cerravam fileiras em torno da candidatura de Ruy Barbosa, e o Dr. Maciel Júnior, como era voz corrente, aqui ficou a convite insistente para assistir a eleição e conseqüente derrota nossa.

Triste desilusão!

Chegou finalmente o momento supremo e o 13 de Abril raiou, consagrando nas urnas o nome de Epitácio Pessoa através de 1100 votos e o de Ruy Barbosa, elementos coligados com 477 tão somente!

P. L. de Oliveira faltou a sua fé republicana, aconselhando aos seus correligionários que votassem no senador pela Bahia, e faltou também a esses mesmo amigos, não os acompanhando no voto.

Dos 1100, foram com cédulas da executiva 1089 e 11 apenas com cédulas manuscritas.

A derrota foi formidável, a nossa vitória estrondosa!

Quatro dias depois do pleito, o acatado órgão do Partido Republicano A Federação publicava significativamente o seguinte: “Passo Fundo, 16. o partido republicano, acudindo ao apelo da comissão executiva, sufragou nas urnas o Dr. Epitácio com 1100 votos, apesar da propaganda desenvolvida pelo Tenente Ce. Pedro Lopes de Oliveira em favor do senador Ruy Barbosa, que obteve apenas 477 votos dados pelos federalistas e partidários do intendente, cuja traição manifesta e notória tem sido fortemente censurada por nossa agremiação política. Vibrante manifestação receberam o Dr. Araújo Vergueiro e Gabriel Bastos, membros da executiva pela vitória alcançada, sendo muito vitorizados, bem assim como o preclaro chefe Dr. Borges de Medeiros. O nosso abnegado e leal companheiro Gabriel Bastos, amigo prezado, cuja dedicação é assaz conhecida, depois desse memorável pleito, solicitou para dar um golpe decisivo nas pretensões dessa gente, solucionando a questão política local, a sua exoneração de membro da executiva e, o que é mais, num gesto verdadeiramente desprendido, no mesmo telegrama, pedia que a direção unipessoal do partido me fosse entregue.

Isto posto, em 6 de Maio, recebi o seguinte: “Dr. Nicolau Vergueiro – Passo Fundo – considerando virtualmente dissolvido comissão executiva aí, constituída Dr. Nicolau Vergueiro, Coronel Pedro Lopes de Oliveira e Gabriel Bastos, por haver este, em telegrama de 27 de Abril último, apresentado sua renúncia formal, por mim aceita, e também pela renúncia tácita do segundo, que em 28 de Agosto de 1917, assistiu, pela última vez, reuniões executivas e conforme notícia publicada Correio Povo, 15 de Setembro dito ano, confirmada jornal local Gaúcho, manifestou intenção agir sob exclusiva responsabilidade individual, resolvi, por tudo isso, investir direção unipessoal partido desse município. Dr. Nicolau Vergueiro, não só em atenção sua investidura representante Assembleia, como também, e principalmente, em reconhecimento seus méritos, serviços postos destaque últimas eleições. (assinado) Saudações cordiais Borges de Medeiros”.

Diante de tamanha demonstração de confiança, aceitei esse encargo, no exercício do qual darei o que tiver de melhor, sem medir sacrifícios pelo bem estar desta terra e pujança do nosso partido.

Em 7 de Maio Gabriel Bastos recebia também o seguinte: “Atendendo motivos expostos vosso telegrama 27 Abril e conveniência instituir-se aí direção unipessoal, resolvi aceitar vossa renuncia de representante executiva. Fazendo-vos esta comunicação apraz-me de agradecer-vos profícuo e prestigioso concurso prestado engrandecimento partido local. Cordiais saudações. (assinado) Borges de Medeiros”.

O nosso antagonista não recebeu idêntico telegrama de agradecimentos e isso, senhores, é por demais significativo e só não compreende um Pedro Lopes de Oliveira.

É essa, em rápida sùmula, a evolução do partido republicano depois do falecimento do Cel. Gervazio, e que eu tinha formal obrigação de vos historiar. Quanto ao Conselho Municipal, hoje homenageado nesse banquete, devo vos dizer que sua ação foi, em todas as épocas, inspirada no bem, no amor pela coletividade e que em suas resoluções há sempre mirado o engrandecimento, o futuro, a felicidade desta gleba.

Nessa corporação, na qual por bondade dos meus pares venho há muitos anos sendo presidente, tive a ventura de encontrar homens dignos, bons, amigos verdadeiros nas pessoas de Gabriel Bastos, Ângelo Pretto e Aníbal da Silva Lemos. A minha interferência aí seria nula se não fosse à ação eficaz desses servidores abnegados da causa pública e do nosso partido.

Aníbal da Silva Lemos e Ângelo Pretto foram de uma dedicação sem limites nessa cruzada de democracia, ao lado da maioria da comissão executiva e a eles Bastos e eu aqui registram a sua imperecível gratidão.

Pelo Conselho Municipal, a todos vós sinceros agradecimentos.

Já vai longo este e devo terminar. Em breve teremos a fase final da luta em que vimos empenhados e para qual conto, mais do que nunca, com o vosso apoio, com a vossa solidariedade e com a vossa dedicação.

O sol que nos ilumina é de um brilho raro e reconstituente, e o nosso partido, o grupo dos 29 e dos 51 aumentou, progrediu, cresceu, agigantou-se na razão direta dos ataques e investidas quixotescas, e pode-se afirmar que representa neste município uma força colossal que esmagará, em 16 de Setembro próximo, a cabeça híbrida do lolicismo, desfraldando a bandeira branca da vitória e da paz, da tranquilidade e do amor, do respeito e do trabalho, da verdade e da justiça, cantando louvores ao egrégio estadista Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, em cuja honra levanto a minha taça.

Passo Fundo, 26 de Outubro de 1935.

161 DISCURSO NA CONVENÇÃO REPUBLICANA pg. 98

Discurso pronunciado em 8 de Outubro de 1927, por ocasião da convenção do partido republicano, em Porto Alegre, no edifício da Assembleia dos Representantes, para escolha dos candidatos à presidência e vice-presidência do Estado, Dr. Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura, respectivamente.

Sr. Presidente - Não pode, de forma alguma, encerrar a convenção do Partido Republicano do Rio Grande do Sul os seus trabalhos, sem uma homenagem toda especial ao seu preclaro chefe, o Dr. Borges de Medeiros. E é por assim entender que, nesta ilustre e memorável assembleia, composta de dignos correligionários, cheios de grandes serviços ao nosso glorioso partido, ousou levantar-me saindo da penumbra em que sempre me coloco, sem o ritmo da oratória eloquente de João Neves da Fontoura e José Antonio Flores da Cunha, mas, trilhando com eles, harmoniosamente, a mesma estrada de dedicação, de amor e de lealdade ao nosso partido. Essa reunião nada mais fez que referendar, com intenso prazer, com viva satisfação e com altivez sem par, a escolha dos candidatos à presidência e vice-presidência do Estado, no quinquênio a iniciar-se em 25 de janeiro.

Assim, homologada a escolha feita, não nos afastamos das salutaras e históricas praxes do Partido Republicano, e essa demonstração de força e de disciplina vem, mais uma vez, mostrar ao Brasil que, neste seu recanto amado, existe um chefe respeitável e querido pelos seus correligionários.

A Nação pode ter a certeza de que somos, hoje mais do que nunca, solidários em todo e qualquer terreno com Borges de Medeiros, que perfeitamente encarna as nossas aspirações, que justamente realiza o nosso ideal.

Individualidades da têmpera e do quilate de Borges de Medeiros não são comuns. As suas virtudes são de tal ordem que estão na consciência de todos os homens sãos. A norma de sua vida tem sido uma só, imutável, sem desvios e sem atalhos, sempre em linha reta, e toda ela dedicada, com carinho invulgar, ao Bem, e sempre ao Bem.

Desde os alvares de sua mocidade, quando ainda era incipiente o ideal republicano no Brasil, já Borges de Medeiros, na velha Paulicéia, se alistava nas fileiras dos seus maiores e mais devotados apóstolos.

Regressão em seu torrão natal, após brilhante curso acadêmico, não perdeu um só instante na propaganda dos sentimentos que acalentava.

Proclamada a República, como representante deste Estado, conjuntamente com Castilhos, Pinheiro Machado, Victorino Monteiro, Homero Baptista e outros ilustres co-estadanos, assinou a Constituição de 24 de Fevereiro de 1891, código das máximas liberdades de seu povo civilizado e culto.

Quando, em 1893, falsos ideais arrastaram os nossos irmãos à luta fratricida, vimo-lo abandonando família e interesses, acorrer pressuroso, ao lado de seus companheiros, a oferecer a sua vida e o seu sangue em holocausto às ideias, que sempre evangelizara.

Ensarilhadas as armas, restauradas a paz e a ordem, ingressou na magistratura, da qual fez um verdadeiro sacerdócio, distribuindo, com a mais rigorosa imparcialidade, completa e indefectível justiça. Foi aí, quando ele iluminava com o brilho do seu caráter e o fulgor de sua inteligência a mais alta Corte de Justiça, foi aí, quando corporificando o ideal do magistado, cego às paixões e surdo aos pedidos, lavrava acórdãos, exarava sentenças, que o excelso patriarca Júlio de Castilhos, profundo conhecedor dos homens, foi buscá-lo, para entregar-lhe a suprema direção do Estado.

Conhecendo-o intimamente, sabendo das peregrinas virtudes que engrinaldavam o seu caráter, não trepidou em apontá-lo como o “primus inter pares”, escolhendo-o seu substituto.

Desaparecido Castilhos da vida objetiva, a opinião unânime do Partido Republicano do Rio Grande do Sul sagrou o nome de Borges de Medeiros como o de continuador da obra política daquele, e nesse posto o tem mantido até hoje sob os aplausos das consciências bem orientadas.

Na suprema direção governativa, nada descurou no que de perto interessava ao progresso e ao desenvolvimento do nosso caro Rio Grande, que aí está a atestar o seu valor e a sua pujança n concerto dos demais Estados da Federação.

Feitas, Sr. Presidente, estas ligeiras considerações, passada em revista e em síntese a vida desse grande homem, que tem em cada republicano, mais do que um correligionário, um soldado e um amigo, venho requerer e pedir a V. Ex. se digne consulta os convencionais se consentem na inserção da ata dos nossos trabalhos de um voto de inalterável solidariedade política ao conspícuo cidadão e egrégio chefe do Partido Republicano Rio-grandense, e, mais ainda, um outro de congratulações sinceras pela acertada escolha por ele feita, e por nós hoje aqui solenemente homologada, dos nomes ilustres de Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura, para presidente e vice-presidente do Estado.

Passo Fundo, 27 de outubro de 1935.

162 DISCURSO EM MANIFESTAÇÃO PÚBLICA pg 104

Proferido, nesta cidade, em 1º de Janeiro de 1930.

Srs. – É com bastante desvanecimento e com verdadeiro júbilo que agradeço, de espírito e de coração, a esplêndida homenagem que me é tributada por todas as vivas forças políticas de minha terra, e essa satisfação é perfeitamente justa, por

isso que somos uma só força, entrelaçados, unidos, tão cheios de brio e de entusiasmo, irmanados no mesmo ideal, olhando tão somente a prosperidade e a grandeza do Brasil, ciosos da nossa cultura cívica, colimamos uma finalidade única: a vitória de Getúlio Vargas e João Pessoa.

Antes, porém, de continuar, cumpro o dever de, como diretor do Partido Republicano de Passo Fundo, associar-me inteira e sinceramente à manifestação que vai hoje mesmo ser prestada ao ilustre vice-presidente do diretório da Aliança Libertadora, meu distinto e particular amigo Dr. Antonio Bittencourt Azambuja, e de expressar meu reconhecimento ao caro e também particular amigo Dr. Lacerda de Almeida Júnior, vosso talentoso orador, sempre de uma grande e manifesta generosidade para comigo.

A Frente única é um espetáculo grandioso, radiante de belezas cívicas e sem precedentes na história da gleba gaúcha, e somos hoje congregados e fortalecidos pelo mais entranhado amor ao Rio Grande do Sul, terra estremecida e cara, dadivosa e boa.

O dia de 1º de Março vai marca na nossa vida mais uma página brilhante de bravura e de dignidade.

O nosso Estado, nessa fase de saneamento moral, de reorganização nacional, de democratização da República e de regeneração geral do País, ladeada por Minas Gerais e Paraíba, e cercada ainda pelas poderosas e fortes correntes liberais, disseminadas por todo o Brasil, marcha para uma rutilante vitória, mesmo porque, como na expressão feliz e exata de um grande orador, quem diz justiça diz vitória, e a causa que defendemos com tanto amor e tanta dedicação é mais do que justa: ela tem para nós o sabor das coisas sacrossantas.

Eu não sou um descrente, um desiludido, um pessimista, um cético enfim: eu creio na vitalidade da nossa Pátria, eu creio na vontade indomável de um povo, eu creio na honra de nossa gente, eu creio na justiça e eu creio na liberdade, mas francamente precisamos mudar de rumo, ter nova e sadia orientação, visto como a nossa decadência é manifesta: nas finanças, na administração, na ordem pública, na moralidade administrativa, na instrução, etc. etc.

Poderíamos ser e aspiramos ser uma Nação próspera e feliz pelas nossas próprias forças naturais.

Melhores e felizes dias nos devem aguardar, porque a nossa índole é boa, porque a nossa terra é fértil, porque a nossa riqueza é enorme, porque nós sabemos trabalhar e produzir: só do que necessitamos é de um governo verdadeiramente do povo pelo povo, e esse dia, essa alvorada de promessa, não pode tardar para felicidade nossa, e a sua demora poderá nos trazer amargas e desastrosas consequências.

Há quatro anos que se anuncia um plano financeiro, como meio de valorização de nossa moeda e conseqüente restauração econômica do País, mas, pergunto eu, qual é até agora o benefício que dele a nossa Pátria tem recebido?

Se, de fato, esse assunto demanda de muito tempo, e este ainda não permitiu o seu maior desenvolvimento e equilíbrio, deveríamos, no entretanto, ter observado já alguns sintomas precursores de melhoras; mas a experiência, que não é pequena, demonstra o contrário: a situação econômica é cada vez pior; a nossa moeda pouco vale e, além disso, vivemos no regime dos constantes empréstimos e dos déficits orçamentários.

E o Estado e a sorte da nossa produção? Não temos entrada nos grandes mercados mundiais, e quando até lá conseguimos ir é com miserável cotação, e daí o resultado da crise da lavoura, como vai acontecer com o café, o nosso principal produto.

“A anarquia financeira e a desordem econômica têm sido sempre as companheiras constantes da vida do Brasil”.

Srs. – temos imprescindível necessidade de um governo que enfrente, de animo decidido, os magnos problemas do Brasil com seriedade, com serenidade, com energia férrea, com honra.

Deixemos as megalomalias, e encaremos as coisas como elas são e como estão. Urge organizar e por em movimento os nossos próprios valores.

Podemos melhorar, e temos que melhorar e assim o exige a nossa própria dignidade de brasileiros.

Deixando essas duras considerações, ásperas verdades que me brotaram, sinceramente, num momento de revolta, passemos a outro assunto.

Acabamos de encerrar a inscrição eleitoral no município, com a boa cifra de 2496 novos eleitores, e, de passagem, peço vênica para lembrar o nome do juiz que presidiu a todos os trabalhos, com retidão e honestidade inexcedíveis: o integro magistrado Homero Martins Baptista. Aqui se tornou eleitor tão somente o cidadão que estava em condições de o ser. O nosso alistamento desafia qualquer contestação e minucioso exame.

Passo Fundo, o meu, o nosso querido Passo Fundo, pelo seu eleitorado pujante e brioso, impregnado do mais são civismo, concorrerá às urnas com elevado coeficiente numérico, reafirmando assim as suas tradições de povo altivo e digno.

O voto, neste momento, é mais do que um dever: é uma obrigação.

Amparar a Aliança Liberal é o cooperar pelo engrandecimento da Pátria. Tenhamos confiança tranquila e segura em nós mesmos, e saibamos cumprir o nosso deverem 1º de Março, que a vitória, por certo, será nossa.

Pioneiros de um mesmo ideal: o nosso caminho está traçado; recuar, nunca; avançar sempre, na urna ou onde o destino nos levar.

A opinião pública, em boa verdade, está conosco, e ela é, como já dizia Pascal, a rainha do mundo.

A alma nacional está de atalaia e bem desperta, o nosso povo tem grande reserva de sublimes e heróicas energias.

O pesadelo da opressão há de e tem que cessar, porque é um mal, e só se compreende a vida com o bem, com a verdade, com a justiça e com a honra.

Estejamos de pé e sejamos, pela redenção da República, apóstolos da nossa fé cívica.

Passo Fundo, 28 de Outubro de 1935.

Proferido em Carazinho, então 4º distrito municipal de Passo Fundo, em um churrasco que me foi ali oferecido pelo Partido Republicano, em 19 de Janeiro de 1924.

Meus correligionários – eu me sinto deveras comovido, e muito grato, diante das crescentes e inequívocas provas de consideração, estima e solidariedade dispensadas a mim, obscuro intendente de Passo Fundo, a quem, escasseando dotes intelectuais, sobra-lhe, no entretanto, grande sinceridade, e sobretudo intenso desejo de bem e lealmente servir este município.

Terminamos de sair de uma luta sangrenta, a que fomos arrastados pelos nos[sos] adversários, obrigados a pegar em armas na defesa sacrossanta do regime constitucional, talhado na carta magna de 14 de Julho, ameaçada de ruir pelo ódio surdo, implacável e multicolor de coligações sem ideais políticos. O que foi esse embate, vós o sabeis, tão bem como eu, e cantam, bem alto as constantes vitórias das forças legais.

Um partido, que teve um evangelizador como Julio de Castilhos, que teve um bravo como Pinheiro Machado, que tem um chefe da envergadura moral de Borges de Medeiros, que tem lutadores da estirpe de Firmino Paim Filho, não podia e não pode ser derrotado.

Seria a vitória da anarquia sobre a lei, do ódio sobre o amor, da treva sobre a luz, da tirania sobre a liberdade. O Partido Republicano do Rio Grande do Sul é tolerante, mas é enérgico, e o inesquecível e redivivo organizador das nossas instituições, já uma vez o dissera, em memorável mensagem, cheia de sublimes ensinamentos: “A minha ação política, na elevada significação da palavra, será tão tolerante como enérgica. Tolerante quanto às opiniões e quaisquer pronunciamentos pacíficos. Enérgica sempre que for preciso invalidar resolutamente as criminosas tentativas dos inimigos da paz pública; enérgica, quando a segurança e o sossego da sociedade exigirem a aplicação severa de inexoráveis medidas repressivas”.

Meus amigos, cubramos com o manto do esquecimento esse trágico período da nossa história, e aproveitemos dele apenas a rude experiência, a prática aliada à teoria, para nos conduzir nos empreendimentos do futuro.

Estamos em plena paz... a época exige o trabalho ativo e profícuo de todos os riograndenses, a colaboração eficaz de todas as inteligências, o auxílio seguro de todos os braços e de todas as consciências, a fim de que o Rio Grande do Sul, de alma pura em organização de atleta, possa espargir sobre o Brasil inteiro, como centro de um sistema planetário, os raios do seu valor, do seu civismo, da sua proverbial honradez.

É fato assaz conhecido e indiscutível que ao partido republicano deste Estado, repugnava uma guerra civil, aconselhando o nosso chefe, sempre que se fazia mister, a máxima tolerância. Esta foi até ao abuso, e prova insofismável é o que ocorreu neste futuroso povoado a 25 de Novembro de 1922, em que os nossos amigos, muito ponderadamente, para evitarem um atrito violento e derramamento de sangue, abandonaram, e o fizeram muito bem, a mesa eleitoral, indo exercer o seu sagrado direito de voto na sede do município. E o que então se passou aqui? Uma verdadeira orgia eleitoral, com juiz, mesários, eleitores improvisados e títulos falsificados... uma cena burlesca.

Depois, na Assembleia dos Representantes, por ocasião da apuração do pleito, os nossos correligionários pregavam a paz, mostrando, à luz meridiana, os horrores de uma luta entre irmãos, as suas lastimáveis consequências lógicas, falando ao coração dos adversários, a fim de que o nosso solo não fosse ensanguentado, e enquanto assim procedíamos outros preparavam surdamente e nas trevas uma revolução, para assalto ao poder, pouco se importando com os meios para atingirem ao fim almejado.

Em Porto Alegre, o plano abortou, graças à ação decisiva do governo do Estado, de acordo com a energia do Comandante Militar da Região, e a 24 de Janeiro de 1923, primeiro golpe tentado, foi à cidade de Passo Fundo, que não tinha mais do que 400 homens para defendê-la, sitiada por mais de 3000, não só deste município, como vindos de Palmeira, Erechim, Lagoa Vermelha e outros pontos.

Apesar dessa diferença numérica não foi sequer tomada uma só das nossas posições, sendo, por vezes, os pseudo-libertadores rechaçados em suas linhas.

Resistência heroica de 8 dias!

“On ne passe pás”!

Honra aos nossos soldados.

Em seguida, como a propagação das epidemias, o mal alastrou-se pelo Estado, e tivemos 11 meses de correrias, de saques, de depredações, nunca os adversários se abalanzando a nos enfrentar em um combate decisivo.

E por fim a paz, de cujo texto sois conhecedores, e aí estão de pé, cada vez mais sólidas, as nossas instituições; aí está, cada vez mais prestigiado, o mesmo governo e aí está, cada vez mais respeitado, o digno Borges de Medeiros, cercado, em círculo cada vez mais forte, pelo pujante, glorioso e invencível partido republicano. E o que resta dessa luta? Um manto de tristezas, um rosário de dores e de lágrimas, um manancial enorme de pesares e de luto, um séquito de mutilados, de órfãos e de viúvas.

“A guerra, já o disse Ruy Barbosa, não merece o reconhecimento do gênero humano, nem mesmo pelas ações heróicas e virtudes sublimes de que são teatro os seus campos”.

Maldita a guerra, bendita a paz.

Congratulemo-nos com esta.

Vencedores no pleito presidencial, vencedores pelas armas, precisamos hoje, mais do que nunca, quando o adversário alardeia um prestígio que não possui, uma força que não tem, nesse conluio original de republicanos dissidentes e federalistas, do regime parlamentar, mostrarmos ao País, em 3 de Maio próximo, na renovação do terço do Senado e da Câmara de Deputados Federais, de uma maneira a não deixar dúvidas, tirando a cisma como dizem os nossos valorosos caboclos, que o Rio Grande do Sul não sofreu solução de continuidade, que é a mesma potência eleitoral, que sabe guerrear como sabe votar.

Deixamos o fuzil, peguemos à cédula. Necessitamos patentear, esta vez como sempre, que não somos escravos brancos, mas homens livres e independentes, que temos um chefe, que nos guia e nos dirige, fazendo a felicidade do extremo sul da nossa Pátria. Não lutamos por competições pessoais, e sim por princípios definidos.

Essa unidade de vistas entre o chefe e os seus correligionários, essa indefectível e inteligente solidariedade, essa disciplina partidária consciente é o que faz grande o nosso partido.

E bem escreveu Gustave Le Bon: “Fazer nascer, progredir, depois tornar coletivos certos sentimentos constitui um dos princípios essenciais da psicologia política. Com sentimentos habilmente manejados, dirige-se as vontades de um povo e, perpetuando-os, refaz-se sua alma”.

Meus amigos – longas já são essas frases que me brotaram, ao correr da pena, das minhas convicções.

Devo e vou terminar.

Antes, porém, vos quero declarar que, ainda este ano, deixarei a administração do município de Passo Fundo, e o farei na certeza de ter agido sempre com lealdade e com honra, e, parafraseando Santo Agostinho, vos digo que mais grato me é vos ter sido útil, que ter sido vosso chefe. Se erros tive, nunca os mesmos foram de má fé.

Sempre com o bem, nunca com o mal. E os meus próprios adversários, os mais impenitentes, não me poderão atirar à face um ato iníquo, uma indignidade, uma perseguição, uma violência: as minhas paixões políticas não me cegam e não me fazem esquecer o caminho da moral e da justiça.

Sairei de pé firme, de viseira erguida e de consciência tranquila.

Levarei, para o silêncio do meu gabinete, a serena calma de um homem que procurou sempre, na medida de suas forças, cumprir o seu dever; levarei a mais grata recordação de todas essas homenagens gravadas indelevelmente em meu espírito; levarei ainda, com orgulho o confesso, as inúmeras provas de confiança,

com que sempre me distinguistes, doce consolo de momentos amargos; levarei, por fim, a saudade de todos vós que, comigo, cooperaram pelo engrandecimento dessa amada terra, que me serviu de berço e que, por certo, me servirá de túmulo.

Meus amigos, eu não sei

“qual é mais excelente se ser do mundo rei, se de tal gente”.

Passo Fundo, 29 de Outubro de 1935.

164 DISCURSO AO DR. OSWALDO ARANHA pg. 121

Pronunciado em 16 de Novembro de 1929, nesta cidade, quando o Dr. Oswaldo Aranha, então Secretário do Interior, percorria o Estado, em Propaganda da Aliança Liberal.

Exmo. Sr. Dr. Oswaldo Aranha, como intendente municipal, apresento a V. Ex. boas vindas, e o faço na certeza de interpretar os sentimentos gerais da população de Passo Fundo, que o vem admirando desde o início de sua rápida, mas brilhante carreira política.

Ainda meu espírito se encontra abalado por grave enfermidade em pessoa de minha família, e, por isso, não quis me abalançar, me arrojor, em uma oração de improviso.

Escrevi estas rápidas considerações às pressas e de um só fôlego. Nelas não encontrará V. Ex. o esmalte dos belos discursos, mas, creia-me, verá a máxima sinceridade, a par das pulsações rítmicas, coordenadas, perfeitas da pujança e dos brios deste povo, que ama, sobremodo e sobretudo, a causa da Aliança Liberal.

O Rio Grande do sul, ao lado de Minas Gerais, a grandiosa terra de Tiradentes, o proto-mártir da liberdade e da valente Paraíba, tão pequena quão valorosa, assumiu atitude de tal espécie que qualquer recuo será o fragoroso desmoronamento das suas tradições de bravura, de altivez e de honra, e a assim

viver e preferível que seja esmagado pelo direito da força, conservando incólume, intacta a força do direito.

Contribuímos sempre com o sangue generoso dos nossos irmãos para consolidação da grande Pátria comum, levando a todos os recantos do País, quando se fez mister, o auxílio seguro, e principalmente leal, da nossa gente.

Contribuímos com elevada quota para o Tesouro Nacional, que, infelizmente, tem vivo em aperturas e em constante regime de déficits, pela má orientação dos nossos dirigentes.

Contribuímos com o maior contingente para as fileiras do nosso invicto Exército. Contribuímos com a nossa dedicação sem limites para a grandeza e honra da República.

Estabelecidos os pródromos [primeiros indícios] da divergência entre Minas Gerais e São Paulo na questão presidencial, fomos lembrados, em um gesto dignificante e de honrosa renúncia, pelo grande Estado mineiro, como bandeira de paz e de ordem no Brasil.

O Sr. Washington Luis, em uma ginástica política, usando de um malabarismo todo especial, repeliu o nome de Getúlio Vargas para impor à Nação o nome de seu amigo e compadre Dr. Júlio Prestes.

Diz-se que Washington Luis é o braço forte, mas para esse, que há de cair exausto, temos a couraça de bronze e de aço dos nossos peitos varonis, e temos, mais do que isso, a vontade soberana de um povo brioso.

A vitória nos sorri... a nossa causa é justa, e somos também acompanhados pelas fortes correntes liberais de todos os Estados.

A semente da vera e boa democracia está atirada ao solo, e há de germinar, florescer e frutificar para o bem coletivo, dentro dos sadios princípios do regime republicano.

Queremos a paz, mas a paz dentro da honra. Da guerra só lançaremos mão, em última hipótese, quando esgotados todos os recursos, e isso como legítima defesa, forma sagrada e consagrada da vida e da liberdade.

São preceitos comuns de filosofia a propósito das condições de legitimidade primeiro, impedir pela força a violação de um direito essencial da sociedade; segundo, reivindicar pela força o respeito de um direito violado.

Não somos um povo anemiado e desvirilizado, temos consciência, plena e perfeita, do nosso valor e da quantidade de matéria corante dos nossos glóbulos vermelhos. Não estou apregoando movimento armado, sou contra ele, que traz em sua cauda, em seu bojo e em sua tresloucada cabeça, o germen da destruição e do esfacelamento de carnes irmãs, mas, na derrocada que observamos, talvez seja um bem porque, se da discussão nasce à luz, da luta pode sobrevir a felicidade de nosso País, que se estende majestoso das pororocas do Amazonas à quietude das águas do Chuí.

Desejamos que o 1º de Março de 1930 marque o ponto inicial de uma nova era, de amor e de trabalho, de ordem e de progresso, de igualdade e de fraternidade, de respeito e de justiça.

O Sr. Presidente da República, orientado por uma má política, talvez na vertigem da altura e na obsessão do mando, iniciou e segue uma fase de opressão principalmente exercida contra o Rio Grande do Sul, mas o nosso caráter não sente por isso abatimento; é da nossa tempera e bem o atesta a história, ao contrário esse proceder nos instiga, nos incita, nos excita, nos estimula, fazendo acordar e vibrar esse grande amor que temos pela terra natal. Havemos de arrebentar, se necessário for, os diques dessa opressão, e aí nada poderá deter a vontade de um povo, que sabe ser digno e livre.

Se formos derrotados em um pleito livre e honesto, em que não campeie a fraude, saberemos, por amor a nossa cultura cívica, nos submeter aos ditames da vontade eleitoral; mas se o contrário se observar, se formos vencedores e esbulhados em seguida, havemos de reagir e temos obrigação de reagir.

Os direitos e os poderes de um homem, por mais elevada que seja a sua posição, têm limites certos e definidos. Ultrapassá-los é um erro, e mais do que isso um crime.

Comemoramos, ainda há pouco, o quadragésimo aniversário da República, em um momento grave e histórico para a vida do país.

Essa República, que fora o sonho de tantos idealistas, desprendendo-se dos grilhões monárquicos, merecia uma melhor sorte.

A República, regime do povo pelo povo, tem sido tão mal orientada e tão mal dirigida que, sempre e cada vez mais, vivemos preocupados, e grandemente preocupados, pelo destino do Brasil e pela sorte que nos espera.

Temos o direito de confiar nas forças vigorosas do opulento País de nosso nascimento, mas o que não podemos fazer é abusar dessas mesmas forças, exaurindo inutilmente as suas seivas.

Tudo cansa no mundo e tudo se esgota. Devemos zelar melhor pelo que é nosso e aí está a prova provada de que afirmo na crise do café, que repercutirá seguramente e desastrosamente nas finanças do país.

Não temos, de momento, homem no leme... a nau se desarvora, e se não tivermos a conveniente reação, pacífica, salutar e honesta, o naufrágio será certo.

A nossa consciência não vai ao mercado, temos uma moral cívica e política, e não uma moral de interesse pessoal. É difícil de se compreender que, diante de um movimento tão sublime de coesão e tão santo para nós, apareçam certos elementos, quebrando a harmonia da nossa unidade.

É que é preciso a exceção para confirmar a regra.

São detritos que sempre ficam nas enxurradas à margem da corrente; são apêndices, órgãos inúteis, pequeninos, sem função orgânica determinada, que só servem para criarem apendicites... e para esse temos o bisturi pontiagudo e cortante, da nossa crítica severa e inflexível, ou então o clássico gelo do nosso desprezo, ou melhor, ainda a nossa repugnância pelas causas e pelas coisas deletérias, pútridas, necrosadas.

Temos aqui também desses elementos, mas são, de sobejo, conhecidas, repudiadas e nulas no cenário político.

É ridículo e mais do que isso repugnante, o modo porque procedem, procurando angariar adeptos a peso de dinheiro, do metal que ganha desse modo mais suja a consciência do que o bolso.

Dr. Oswaldo – A minha terra, o meu querido Passo Fundo, anseia pela sua palavra franca, leal, vigorosa e valente, tantas vezes comprovada.

Eu não quero mais fazê-lo esperar e assim termino, saudando o nosso ilustre visitante, tipo perfeito da raça gaúcha, representante político dos nossos heróicos antepassados, cujos nomes a História, em relevo, guarda, com perene respeito, veneração, carinho e amor.

Viva o Dr. Oswaldo Aranha.

Passo Fundo, 30 de Outubro de 1935.

165 DISCURSO EM 7 DE SETEMBRO pg.130

Proferido em sessão solene do Clube Pinheiro Machado de Passo Fundo, em 7 de Setembro de 1906. Foi o meu primeiro discurso, e transcrevo-o tal qual foi pronunciado, sem alteração de uma só vírgula.

Sr. Presidente – Exmas. Senhoras – meus senhores. Após terdes ouvido a palavra sonora, o verbo fluente e bem timbrado daquele que me precedeu nesta tribuna, ides ter a paciência de prestar, em rápidos instantes, a vossa atenção para um que estréia em coisas oratórias.

Uma antítese enorme entre a palavra de um e a de outro: em o primeiro notastes, além do seu talento hercúleo, a verbosidade, a calma de orador; em mi, completamente ao contrário, pequeninas frases descoradas, proferidas com medo e a esmo.

A sua bondade, excelso auditório, a de perdoar.

– Meus senhores – Foi, na data que hoje comemoramos, em sessão solene, que proclamou-se a independência do lindo País que se estende do Amazonas ao Chuí. Neste dia devemos ser bastante alegres, porquanto esse lance de nossa história foi um marco de valor transcendente para a nossa vida futura, porquanto, além de ser o Brasil sobrecarregado com os mais pesados tributos, toda a seiva de suas riquezas naturais era exaurida em favor de Portugal.

Lançando um olhar retrospectivo à história de todas as nações, um capítulo fulgente é o de sua libertação.

É por demais conhecido o fato para que comentemos longamente o que se passou às margens do remansoso riacho Ipiranga.

Desde 1822 que somos um povo independente, que somos livres.

Já muitos anos antes, em 1789, o malgrado alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes, dera os primeiros passos na senda da independência, mas, infelizmente, essa justíssima pretensão custou-lhe a vida.

Escreve um historiador moderno: “A independência dos Estados Unidos em 1783, consequência da revolução inglesa de Cromwell e prelúdio da revolução francesa de Danton, inspira e anima os corações generosos dos patriotas mineiros guiados pelo imortal Silva Xavier. Mas a Inconfidência malogra-se e, no mesmo ano em que o Ocidente eliminara definitivamente a realeza, com a exceção de Luiz XVI, o governo português sacrificava a liberdade, assassinando Tiradentes”.

“A liberdade é a lei” muito bem o disse um poeta de renome universal; e o próprio abade que, pouco antes, encerrara quatro pequeninos melros, não tardou a se convencer dessa asserção, quando, preferindo a morte, o melro “mais sublime do que Cristo, quando morreu na cruz, maior do que Catão, matou os quatro filhos, trespassando quatro vezes o próprio coração”.

Independência ou morte, foi a exclamação sublime que, repetida de boca em boca, célere percorreu todo o Brasil. Muito pouco sangue nos valeu a nossa independência; no entretanto, se tão fosse necessário, estou inteiramente convencido de que todos os brasileiros, sem exceção de um sequer, expor-se-iam a peleja santa, não regateando a vida.

Vejamos, a exemplo, o que se passou nos Estados Unidos da América do Norte, onde, à carta de independência almejada, muito liquido rubro e quente regou aquele solo.

O intrépido Washington, à libertação de sua pátria, consagrou toda a sua inteligência, todas as suas forças.

Em França, os escritos de Benjamim Franklin, o inventor do para-raio, causaram tanto entusiasmo pela liberdade e pela democracia, que diversos nobres, entre outros o marquês de Lafayette, Kosciusko, o nobre polaco, e grande número de voluntários de todas as nações passaram à América para auxiliarem os que desejaram libertar-se dos grilhões ingleses.

Ela, apesar de uma luta tremenda, foi conseguida.

A nossa independência muito pouco custou; um despacho de Lisboa com injustas e aviltantes pretensões foi arremessado ao longe e um pequeno número de vítimas em prol dessa causa de valor e utilidade reais. Proclamada a independência do nosso País, foi instaurado o governo monárquico. Um dos vultos mais salientes, o fator principal de nossa libertação foi o inspirado poeta e sábio José Bonifácio de Andrade e Silva, que, desde 1819, combatia incessante por esse alevantado ideal.

Aqueles que, desde logo, almejavam o governo republicano, José Bonifácio respondia: “Não compreendo uma república com escravos”.

Efetivamente, após a sanção das leis de 28 de Setembro de 1885 e de 13 de Maio de 1888, foi erguida e proclamada a república em 15 de Novembro de 1889.

Tiradentes foi vingado.

Senhores, já me espraiei bastante, muitíssimo mais do que desejava... terminemos, pois.

Se mais não fiz, foi porque a tal não me “ajudou o engenho e a arte”. Qual pequena ave que, pasma, lança o olhar, admirando a grandeza e o colosso de Gauri Sankar, assim eu também, acolhido à sombra de que amo gozar, admiro a ideia genial e o talento dos heróis dessa cruzada sublime.

Ao finalizar, rendo homenagem aos dois vultos que, sobremaneira, salientaram-se nessa pugna dignificante: D. Pedro I e José Bonifácio de Andrada e Silva.

Passo Fundo, 31 de outubro de 1935.

166 DISCURSO AO CEL. GERVAZIO pg. 136

Pronunciado no dia de seu aniversário natalício, 10 de Abril de 1912, por ocasião de uma manifestação que lhe foi levada.

Srs. – Acedendo ao honroso convite que se me fez, para ser o intérprete do partido republicano de Passo Fundo, na homenagem merecida que hoje se presta ao Ex. Sr. Cel. Gervazio Lucas Annes, sinto apenas a pequenez de minha individualidade para saudar a tão grande e a tão dileto amigo.

Egrégio chefe – Sabe V. Ex. o quanto sou sincero e o quanto sou franco, deixando sempre de lado certas instituições tolas, certos preconceitos fúteis. Sabe V. Ex. mais ainda o quanto, por educação e por índole, sou avesso aos elogios frente a frente, mas não são meros elogios que eu vou dirigir a V. Ex.... são verdades. Não são frases eivadas pelo preconceito de ocasião: são prenhes da sinceridade de minha alma de moço.

“Em política, disse um escritor moderno, os homens verdadeiramente grandes são os que pressentem as necessidades que vão surgir, baseados nos acontecimentos do passado e indicam o caminho pelo qual se deve enveredar.”

De pleno acordo com essa opinião, então que ela não poderia ser melhor para estereotipar o aniversariante de hoje, pois que o Sr. Cel. Gervazio Lucas Annes é um grande político: de uma inteligência lúcida, de uma previdência notável, de uma honradez inatacável e de uma perspicácia extraordinária.

O preclaro chefe do pujante e glorioso partido republicano de Passo Fundo tem direito incontestável a homenagens, como as de hoje, pois tem servido com abnegação, com denodo e com o seu próprio sangue a esse mesmo partido. Este

que foi por V. Ex. criado, educado em uma altiva disciplina, aprendendo nunca recuar, tornou-se hoje, na idade avançada de V. Ex., um gigante, que tem por lema: tudo pelo seu chefe. Seria longo historiar a vida política do eminente cidadão, e os serviços por ele prestados a este município, e a história que “não reconhece reis, nem reconhece igreja, reconhece a justiça, o grande dogma austero, glorifica Jesus e cospe sobre Nero”, expressão genial de Guerra Junqueira, o “grande beato do idealismo”, a história, repito, encarregar-se-á de indelevelmente gravar em suas páginas, ou em busto de bronze, o nome de Gervazio Lucas Annes, esse benemérito servidor do regime republicano.

Aceite, pois, ilustre chefe e conspícuo amigo, pela minha voz descolorida, as felicitações que lhe envia o partido republicano desta amada terra, que se orgulha, que se ufana, de lhe ter por diretor; aceite também os votos, que fazemos, pelo prolongamento de sua existência, tão útil e tão preciosa, e aceite, enfim, em nome dos presentes uma saudação, sinceríssima e entusiástica, que “vai pelo azul um cântico vibrando, tão límpido, tão alto, que parece que é a estrela no céu que está cantando”.

Passo Fundo, 31 de Outubro de 1935.

167 DISCURSO DE INAUGURAÇÃO DA LUZ ELÉTRICA

pg. 140

Pronunciado no dia 2 de Março de 1913.

Srs. – É sob a impressão esmagadora e suave dessa enorme massa líquida, que se precipitando de um alto, em rumoroso burburinho, põe em movimento, coloca em atividade máquinas possantes, verdadeira audácia de concepção do engenho humano; e ainda sob a impressão dessa selvagem e exuberante natureza, que eu vos dirijo a palavra.

Outro deveria ser o orador oficial e não eu, mas condições imprevistas, de última hora, fazem com que ante vós eu me apresente com o rótulo de orador oficial.

Srs. – Refere-nos o literato e historiador João Francisco de Lisboa que os sentimentos experimentados pelos primeiros exploradores, que aportaram à nossa terra, eram de pasmo, de surpresa e de admiração. “A tal ponto os maravilhava o aspecto pomposo da terra inculta e selvagem, escreve o mesmo literato maranhense, que a todos eles exploradores acudia espontâneo de que, sem dúvida, nesta abençoada região estivera outrora situado o paraíso terreal”. O próprio Américo Vespúcio, esse intrépido e audacioso navegador, em carta que publicou, e, 1504, diz que a haver aquele paraíso não deveria ser longe das nossas plagas.

E eu ousou pensar que, se esse fabuloso éden, esse fantástico paraíso foi uma realidade, não deveria se achar senão em o Rio Grande do Sul, a heroica terra dos legendários de 35, parte altiva e sobranceira de um todo, que nunca se deixou vencer. Por um instinto natural, extasiado pela beleza do panorama que ora observamos, meti-me pela vereda dessas ligeiras divagações. Agora, deixando-as de lado, vou procurar dar desempenho ao mandato que me foi confiado pelo Exmo. Sr. Intendente Municipal, saudando ao nosso preclaro chefe e amigo Cel. Gervazio Lucas Annes e saudando também à opulenta firma do Sr. Bromberg F. Cia., representada na pessoa do Sr. Dr. Frederico Tröech.

– Como iniciador do grande melhoramento, que hoje festiva e solenemente inauguramos, ligo, mais uma vez, o Cel. Gervazio Lucas Annes o seu nome imáculo, venerando e venerado à história desta terra, que ele muito ama e que se desvanece de tê-lo como diretor.

A sua presença nesta festa, se impunha, por isso que o seu nome é um padrão de glória deste povo, porque o seu nome é um programa, porque o seu nome é uma bandeira, e bem orientado andou o Tte. Cel. Pedro Lopes de Oliveira, declarando que só seria inaugurada a luz elétrica com a sua presença.

Creia, Cel. Gervazio, que a sua administração, no quadriênio último, em que foi assinado esse contrato, passou para o domínio glorioso da história, e, por isso, apresento-lhe as nossas mias sinceras saudações.

A firma construtora, Bromberg F. Cia., cumpriu a risca o seu papel, dando-lhe desempenho cabal, completo e satisfatório, e tal era de se esperar, porquanto a casa Bromberg é um estabelecimento de crédito e de conceitos inabaláveis e de uma reputação mais que firmada.

Esse resultado não poderia ser outro, tanto mais quanto a empresa contratante entregou, em boa hora, a direção técnica ao ilustre Dr. Frederico Tröech.

Homem de uma educação finíssima, de ameno e delicado trato social, engenheiro de vasto preparo científico, de uma atividade pasmosa, foi o Sr. Dr. Tröech um trabalhador inteligente, ativo, honesto e infatigável. Eu também o saúdo, com efusão.

Passo Fundo, 31 de outubro de 1935.

168 DISCURSO EM UMA SESSÃO FÚNEBRE pg. 144

Proferido no Clube Pinheiro Machado, desta cidade, em 4 de maio de 1917, em uma sessão fúnebre, no 30º dia do falecimento do Coronel Gervazio Lucas Annes.

Senhor presidente – excelentíssimas senhoras – senhores.

De saudades, dores e lágrimas é a homenagem que o partido republicano de Passo Fundo presta à memória do chefe inesquecível.

Ainda imerso nesse profundo pesar, envolto nesse lutuoso crepe, nessa atonia exaustiva, ainda pasmo diante da catástrofe, o nosso partido sente-se ferido em pleno coração com essa queda estrepitosa e inacreditável ainda e a morte “o grande desengano” friamente, premeditadamente, perversamente, por uma dessas ironias extraordinárias, com que zomba, galhofa e ri de nós, fazendo-nos de seu

eterno brinquedo, também atacou e feriu o generoso coração de Gervazio Lucas Annes, sempre afeito às ideias grandes e generosas.

Foi tão grande o baque, que se chega mesmo a duvidar da tristíssima verdade... excesso de dor obscurece, às vezes, até a própria razão e a nossa dor é enorme. Para o pessimista Schopenhauer, que na filosofia de Ribot é “um budista extraviado no Ocidente” só a dor é positiva.

Para Voltaire “a felicidade não passa de um sonho, só a dor é real. Há 80 anos que a experimento e não sei fazer outra coisa senão resignar-me”.

Schilling avança mesmo que a dor é coisa necessária à vida.

Buda foi cognominado “o grande sacerdote da dor” e o budismo, sistema religioso que arrasta naquelas plagas milhões de adeptos, verdadeiramente fanatizados, reconhece como base a existência da dor. Para eles “existir é sofrer”.

Cristo, o pálido e macilento Rabi de Nazareth, o bom e piedoso, o humilde filho da Judia, aquele que em 33 anos de existência só trilhou sendas de amargura, praticando o bem e fazendo o bem, foi denominado o “varão das dores”.

Ah! Senhores, dor é a primeira manifestação vital do ser humano; dor teve-a Maria Madalena, no cimo do calvário, aos pés da cruz; dor tinha a mísera preta mãe escrava, da qual, para fins mercantes, se arrancava, entre lágrimas, blasfêmias e imprecações, dos magros braços, o pequeno filho amado, deixando escoar pela boquinha sorridente o leite do seio materno, tão branco o leite como a alma imácua da criança, tão preta a sua cor como a infância praticada; dor teve-a Niobe, que se transforma horrorizada em estátua, depois de ver morrer 14 filhos, pela crueldade de Diana e Apolo; dor sentiu-a D. Pedro II no exílio; dor sentiu a família de Gervazio Lucas Annes, ao dar-lhe o ósculo amoroso da despedida, o beijo da separação eterna; dor, enfim, tem o partido republicano desta terra, que tinha por ele mais do que admiração profunda, verdadeiro culto de amor.

Esse partido, meus senhores, diante desse vulto, que tem para nós feições gigantescas, ajoelha-se hoje, lacrimoso, cheio de dor, qual Laocoonte que, na frase de Alcindo Guanabara, é a “síntese da dor”.

Foi aqui o fundador do partido republicano, ao qual serviu com abnegação, e com denodo e, mais ainda, com o seu próprio sangue e, quando o seu organismo estava combalido, sua forte textura orgânica depauperada, suas forças já quase extintas, sua saúde profundamente abalada, mais de lá do que de cá, ainda vimo-lo, concentrando os seus já poucos elementos vitais, a notável previsão de criar, num gesto de absoluta confiança e mesmo de grande alcance social, esta comissão executiva, que aproveita a augusta solenidade do momento, a seriedade religiosa da ocasião, para promete, como promete, seguir a pista do velho e experimentado chefe, altivos, honrados, de espinha ereta, dignos de si mesmos e da confiança pública, custe o que custar, haja o que houver.

As nossas saudades não são como as rosas de Malherbe que se crestam no curto espaço de um dia... não... não... elas terão a perpetuidade do bronze, a suavidade das flores que cercam o seu túmulo, a pureza do mármore branco de Carrara, a limpidez cristalina das lágrimas de seus amigos.

As nossas saudades aumentam, progridem, crescem, se avolumam e se agigantam à medida que o tempo se escoar, e o tempo, que tudo extingue, apaga e liquida “tout casse, tout passe et tout lasse” na sua carreira cega e voraz, esse “anestésico natural das almas que sofrem” não conseguirá desta vez o seu fim: O nome de Gervazio Lucas Annes está de tal modo gravado, indelevelmente na organização da nossa vida político-social que, embora rasgada a nossa história, esfaceladas as nossas heróicas tradições, devoradas as nossas existências, ele, Gervazio Lucas Annes, esse benemérito servidor do regime republicano democrático, passará a posteridade, porque a gratidão desse povo não se rasga, a gratidão desse povo não se esfacela, a gratidão desse povo não se devora e passará de geração em geração, que continuará a te admirar no bronze, em que, por certo, vai ser moldado o teu busto venerando, e bem mereces do nosso partido essa homenagem e, aí fica a ideia.

Há, hoje, um mês que pesa sobre nós a estonteante certeza da morte do chefe preclaro.

Repousa no seio gélido da terra que ele tanto amou “bendita terra que tal filho teve”.

Serás a nossa bandeira; foste, é e será o nosso guia espiritual... “os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos” no profundo conceito do filósofo de Montpellier.

De tua passagem pela vida resta um traço luminoso... a tua estatura não se mede pela vulgaridade dos homens... foste uma exceção e foste um exemplo, o teu túmulo será para nós, os verdadeiros mantenedores da ordem, os amigos da paz e do progresso, para aqueles que foram os teus íntimos tão somente ligados pelo coração e sentimentos afetivos, será para nós um sacrário.

Nesse retiro augusto, onde canta de dia a alegre e travessa e descuidosa passarada e onde, pelas noites luarentas, se desenhavam no solo às imagens dos anjos e das cruces, no silêncio santo do sepulcro, diante desse túmulo em que coube a tua envergadura colossal, iremos sempre e sempre lembrar os teus feitos, recordar a tua vida, beber inspirações, colher ensinamentos, procurar ouvir a tua voz e os teus conselhos no farfalhar das flores, que, eternamente, à luz das madrugadas, hão de espargir o seu perfumado orvalho sobre a tua tumba. Receba-o, inesquecível chefe, como lágrimas de teus amigos e o perfume inebriante dessas flores como as nossas imperecíveis saudades.

Passo Fundo, 1º de novembro de 1935.

169 DISCURSO POLÍTICO EM UM PIC-NIC pg. 151

Pronunciado, nesta cidade, no Parque Cruzeiro, no dia 21 de junho de 1931.

Srs. – “Verba volant, scripta manent” eis aí, preliminarmente, o motor de haver eu escrito a presente oração, simples, sem refolhos literários, não buscando uma forma castiça de expressão, mas colimando um fundo de profunda lealdade e convicção republicanas. A vossa solidariedade, e eu não oculto a imensa satisfação de recebê-la, tantas vezes manifestada, é, para mim, sempre um grande estímulo e um grande conforto: estímulo, pois que incita as minhas energias cívicas, fazendo-as vibrar, cada vez mais, de entusiasmo partidário; estímulo

porque vivifica o meu amor pela causa que, com ardor, desde a minha mocidade, desde os bancos acadêmicos, abracei; estímulo, porque fortalece os elos da nossa comunhão política; conforto, porque me sinto amparado por valorosos correligionários de notável devotamento cívico; conforto, porque me traz a certeza iniludível do vosso apoio e a segurança perfeita de vossa amizade.

Aluno do mestre insigne Borges de Medeiros, não sou na sua escola daqueles que brilham pelo talento e se salientam pela cultura, mas, e orgulho-me disso, marcho parêlo, ombro a ombro, aqueles que na frente trilham o caminho da sinceridade, do reto cumprimento do dever, da honra, sem nunca ter um momento sequer de tibieza ou de desfalecimento.

Não vivi e não vivo da política, da qual nunca usufrui proventos materiais, não sou um político profissional; mas tenho vivido e vivo para a política do meu Partido, e todos os meus esforços e sacrifícios são pequenos diante da grandeza de seu ideal e da sua finalidade.

É preciso não confundir política com politicalha.

“A política, disse Ruy Barbosa, é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada”.

Anima-me uma fé sem limites, orienta-me uma crença de fortes raízes e aquece-me uma convicção robusta e inabalável.

O momento histórico é de apreensões e de cuidados, de dúvidas e de incertezas, e nós, republicanos do Rio Grande do Sul, temos obrigação de, alertas, cooperar pelo bem estar, pelo engrandecimento, pela reabilitação econômica, financeira e política desta Pátria amada.

A nós, na vida atual do País, cabe um punhado de grandes responsabilidades, mas saberemos ser dignos, como sempre o fomos, dos compromissos que assumimos.

Parodiando Clemenceau, o homem que foi enterrado de pé, como sempre viveu, podemos repetir à Nação que o nosso Estado, entre outros, “é uma sentinela vigilante da dignidade nacional”.

Atualmente, republicanos e libertadores, respiramos o mesmo oxigênio, nos embala o mesmo sonho de amor, o mesmo anelo de felicidade da terra comum.

Somos, e seremos ainda, coerentemente, em frente única, para manutenção e sustentáculo da obra iniciada a 3 de Outubro; somos também a coluna mestra da nova República; somos, assim unidos, o obstáculo maior a intencões demolidoras; somos, enfim, o cimento basilar do novo regime.

No altar da nossa Pátria, que não é pagão, não colocamos falsas divindades... os homens que dirigem o Brasil são assaz conhecidos e tem todos os requisitos precisos para elevá-lo no concerto mundial. Não sejamos impacientes e tenhamos confiança no futuro.

A tarefa que lhes coube é toda cheia de dificuldades e de abrolhos... o terreno viciado, os homens estavam viciados... íamos por um precipício abaixo em vésperas de verdadeira bancarrota, sem crédito, sem dinheiro, e mesmo sem moral. Demolimos um velho e arruinado edifício, necessitamos a construção de um outro, confortável, sólido e higiênico, e essa obra não é possível se levantar em um dia, nem em meses. O empreendimento é de vulto, e carecemos de tempo. Não perturbemos a ação e o trabalho daqueles que estão empenhados no reerguimento do Brasil, mais empenhados do que nós, porque eles têm a direção e a responsabilidade imediata de um fracasso.

Dia virá, porém, em que o edifício terminado se mostrará alteroso, solene, impávido, firme e seguro, e aí não mais se tornará necessária a nossa ação conjunta, e voltaremos então, satisfeitos do cumprimento do dever, aos arraiais partidários, cada um com os seus ideais, cada qual com a sua bandeira.

Os libertadores seguirão uma estrada e nós outra, e se algum dia o interesse da Pátria o exigir estaremos abraçados outra vez, sem quebra alguma da dignidade, mostrando, ao contrário, uma apreciável superioridade mental.

Os partidos políticos, e isso ao se discute mais, são úteis e necessários à vida de um País.

Dos seus embates pacíficos surge sempre a Verdade e a Luz.

Abelardo Rosas, em seu livro *Civilização e Democracia*, escreveu que “o grande princípio não só da vida política mas de toda a civilização inglesa, que fez o desenvolvimento e a grandeza do Império Britânico, é com efeito o sistema de governo por partidos, a organização de uma linha divisória de elementos opostos entre si como forças de progresso e de crítica, traduzindo-se num esforço contínuo e regular de atuações rivais”.

A bandeira do nosso partido continua e continuará desfraldada e em mãos possantes, que a farão tremular vitoriosamente.

Torna-se imprescindível que cada republicano seja um infatigável propugnador dos seus princípios políticos, defensor impertérito [destemido, intrépido] das suas ideias, predicador da excelência do seu regime, propagandista da união partidária, cerrando fileiras ao redor do chefe preclaro e eminente, que é Borges de Medeiros.

O nosso partido, que “sempre se apoiou em convicções arraigadas” tem um grande acervo, um grande passado a zelar, que temos de transmitir incólume às gerações futuras.

“Temos o dever, já o disse Júlio de Castilhos, em 1891, em discurso proferido no Congresso Constituinte Nacional, de ser coerentes com os nossos princípios, de ser fiéis a nossa bandeira, não deixando que ela caia enrolada no chão, coberta de pó e coberta de desprezo”. Ainda agora a mocidade republicana da Capital do Estado deu, em esplêndida Assembleia, uma vibrante prova de seu entusiasmo, lançando no País, consubstanciado em formas magníficas, um brilhante manifesto, que bem demonstra a vitalidade e o valor da nova geração, e nós, velhos republicanos, zeladores do patrimônio que nos entregou Júlio de Castilhos, e que tão bem soube aumentar e fortalecer Borges de Medeiros, sentimo-nos satisfeitos e orgulhosos na esperança e na certeza de que os novos líderes serão, em dias não remotos, os valentes depositários desse sacrossanto legado. Na suprema magistratura do Estado encontra-se o general José Antonio Flores da Cunha homem de ação, que vem imprimindo a vida do Rio Grande do Sul uma boa orientação administrativa: è um republicano de valor, de

inestimáveis serviços, e espera-se que seja uma garantia para o Partido Republicano.

Quanto a Borges de Medeiros, eu vos direi, com toda sinceridade e franqueza, que por ele tenho uma ilimitada veneração. Na Capital da República, quando eu deputado federal, tive a feliz oportunidade de observar o enorme prestígio do nosso chefe.

Um chefe assim é para nós uma glória. Na fazenda do Irapuazinho, honrado e pobre, vive o maior homem da República. Grandes e inequívocas tem sido as provas de consideração, estima e solidariedade a mim dispensadas pelo invicto partido republicano de Passo Fundo.

Há 25 anos que trabalho com atividades no seu seio, e há 12 como seu diretor político.

Só tenho motivos de imperecível reconhecimento.

Nos bons e nos maus momentos, nas urnas ou nas armas, sempre me senti alegre e forte com o vosso apoio que eu tanto prezo, com a vossa amizade que eu tanto cultuo e considero, com a vossa confiança que tanto me penhora e cativa.

Dentro de algum tempo voltará o País ao regime constitucional e então teremos ocasião de novamente demonstrar, à sociedade, que somos um forte partido, que somos a grande maioria eleitoral, que somos os mesmos republicanos de sempre: prontos ao chamado e ao cumprimento do dever.

Por falar em constituição, é um problema que, nos últimos meses, vem sendo muito debatido: à volta à normalidade o mais depressa possível ou não.

Opiniões divergentes surgem a todo instante. Penso que deve ser o mais breve possível, mas o assunto depende de grande observação e estudo acurado das condições gerais do País, e não poderá ser assim resolvido de um dia para outro.

A volta à constitucionalidade é precisa e ninguém isso discute, mas dizem que ela se fará quando for julgada oportuna.

Muitas vezes se pensa que um doente está restabelecido de velho mal que lhe vinha minando o corpo, e, sem maiores indagações, se lhe dá alta, por curado, para amanhã recair de modo fatal e sem mais esperanças de salvação. O organismo do nosso Brasil estava profundamente abalado e doente, e precisa de uma cura um pouco longa e criteriosa, principalmente de repouso econômico e financeiro.

Em vista de nossas possibilidades de energia e de riqueza, em breve, por certo, a nossa situação deverá estar inteira e solidamente normalizada.

Eu creio, com firmeza, na regeneração da nossa Pátria; eu creio, com segurança, na sua restauração integral.

Nós somos um País rico, moço ainda, cheio de vida, cheio de gemas e de seivas.

Nós somos um povo trabalhador e honesto, altivo e respeitador, querendo a paz dentro da honra.

Não somos um povo anêmico e desvirilizado; temos consciência, plena e perfeita, do nosso valor e do nosso poder. É grande e lindo o vosso território, grandes são as nossas esperanças, lindo o nosso futuro.

Assim, Srs., eu vos falo com a alma aberta, com sinceridade e com franqueza, externando o meu modo de pensar sobre os destinos da nossa Pátria e o papel saliente do Partido Republicano rio-grandense, e praza a Deus, que eu não me engane, que a realidade seja brilhante e breve, renascendo o Brasil, qual ave misteriosa, das próprias cinzas, como uma outra Fênix, símbolo da ressurreição.

Cumpre-me agora terminar, expressando os meus mais sinceros agradecimentos ao vosso talentoso orador Dr. Celso Fiori, pela maneira elegante e correta no desempenho de sua missão; aos distintos oficiais dos valorosos 8º R.I. do Exército Nacional e 3º R. da Brigada Militar do Estado, que penhoram-me sobremodo com a sua presença; ao preclaro Dr. Homero Martins Baptista, honra da magistratura rio-grandense; aos dignos representantes dos municípios vizinhos e dos distritos; aos dedicados companheiros e amigos que me cercam, com simpatia e amizade.

Eu vos juro que hoje, mais do que nunca, encontro-me ligado, preso, acorrentado ao partido republicano de Passo Fundo: com ele para a vitória ou para a derrota, com ele para a vida ou para a morte. Fazamos votos cordiais pela prosperidade do partido Republicano do Rio Grande do Sul e pela felicidade do Brasil.

Passo Fundo, 2 de Novembro de 1935.

170 DISCURSO EM CARAZINHO pg. 164

Pronunciado em 17 de Janeiro de 1932, em um pic-nic que ali me foi oferecido e ao qual compareceram cerca de 5000 pessoas.

Srs. – Seria desnecessário vos apresentar as minhas credenciais políticas e pessoais. Não sou um desconhecido, e muito menos um aventureiro.

Nascido nestas plagas serranas, a minha atuação sempre se tem desenvolvido, em todos os momentos, entre vós, de modo que sabeis seguramente, exatamente da minha vida. Esta é um livro aberto que desafia “a insigne classe dos insultadores”.

Ao Partido Republicano do Rio Grande do Sul venho, desde os bancos acadêmicos dedicando as maiores e as melhores energias, educado nos ensinamentos de Júlio de Castilhos e de Borges de Medeiros.

Ocupando vários postos de confiança e de destaque, hei sempre cumprido o meu dever, de acordo com a minha consciência, e dentro dos rigorosos e salutareos ditames do Partido.

Longos anos há que exerço, com a maior serenidade possível, a direção política de um dos mais prósperos municípios do Estão, desprezando sempre essas picuinhas de políticos de campanário, muitas vezes, quase todas, insatisfeitos em suas absurdas pretensões.

Repetirei aqui as palavras de Ruy Barbosa: “Nunca lhes respondi, nem o farei; porque a consideração filosófica destes e outros fenômenos semelhantes me têm levado a crer que muitas misérias morais têm, nesse mundo, pelo menos uma

utilidade: a de revelarem e qualificarem certas naturezas, que fora perigoso não serem conhecidas, mas que de outro modo não se poderiam dar a conhecer”.

Ser atacado por certa gente não importa, quando se procede bem, com dignidade e com altivez.

A corja dos maldizentes é grande, mas é maior, bem maior o número dos homens bons, sensatos e honestos.

Não vejam os meus amigos, nessas palavras, alusões diretas ou indiretas a quem quer que seja; falo em tese, em geral, sem me preocupar com individualidades ou sombras.

Muitos dos meus agressores são pessoas que têm recebido grandes favores meus, batendo-me palmas, em vibrantes aplausos, até de modo excessivo, o que, em almas bem feitas ou equilibradas os obrigava, pelo menos, ao silêncio, mantendo-se em um afastamento respeitoso; mas que importa a mim, se cumpro a risca o meu dever, que existam roedores vorazes que colocam o Capitólio a um passo da rocha Tarpeia! “Há alguma coisa que perdura mais do que as paixões, os ódios, as injustiças e as ingratidões: é a lembrança dos atos magnânicos, mesmo em benefício daqueles que não os merecem”.

Ingenieros, o notável escritor do “Homem medíocre” já bem o disso: “homem é, a sombra parece” e eu procurei, e procurarei sempre na vida, com a segurança das minhas atitudes e firmeza dos meus atos, nunca ser sombra.

No embate das paixões, no desencontro dos interesses, no choque dos infortúnios, no conflito das divergências, no “struggle for life” na luta diuturna é que se retemperam as fibras, se apuram e se filtram as qualidades individuais, se aprimoram os sentimentos, se refazem as energias: o barco, quando é bom, mostra-se valoroso e forte diante das tempestades.

Para se vencer, ou pelo menos para se viver bem com a sua própria consciência, torna-se imprescindível agir com dignidade serena, com fê inquebrantável, com honra inamalgável.

Agora vos direi que eu não aspirava à honra insigne de ser o chefe político do Partido, em Carazinho, tanto que convidado, com insistência, declinei todas às vezes da honrosa investidura, por isso que são tantos os valores capazes desta terra e ainda por desejar restringir a minha atuação dentro dos limites de Passo Fundo.

Indicado, sem a menor interferência minha, pelos expoentes republicanos da nova comuna, e submetido o caso à apreciação do eminente Dr. Borges de Medeiros, veio, desde logo, a sua aprovação. Quando assumi a direção deste valoroso Partido tinha o firme desejo e preconcebido propósito de congregar todos os elementos, fazê-los unidos e torná-los fortes, dissipando naturais melindres e suscetibilidades, acalmando ânimos, desfazendo malquerenças e intriguilhas, e, quando pudesse ser dispensada a minha chefia, diante da sua coesão, da sua pujança e da sua perfeita comunhão de vistas, seria eu o primeiro a pedir, a solicitar a minha renúncia, feliz e satisfeito, por ver feliz e satisfeito o meu Partido.

Aos maus mais íntimos amigos desta terra, boa e dadivosa, disse, por mais de uma vez, da minha intenção.

Não vim aqui provocar dissídios, fomentar desarmonias, irritar animosidades.

A minha atitude era toda de paz e de construção.

Elementos menos ponderados não me compreenderam e, em um gesto irrefletido, inexplicável em face da futilidade, da infantilidade dos seus motivos, abriram contra mim as baterias de biliosos ataques e de afrontas soezes [torpes].

Nem assim conseguiram me afastar da posição em que sempre me coloquei, e aqui estou, entre vós, alegre, sereno e tranquilo, vos querendo muito e não querendo mal aos outros.

Enganam-se, porém, aqueles que, daquela maneira, pensam abater-me o ânimo. Não, nunca, não me conhecem.

Estou acostumado a enfrentar essas tempestades, tanto mais quanto conto, e confio, na lealdade incorruptível dos meus amigos e correligionários, que são, quer queiram, quer não, a maioria política de Carazinho.

Esperemos um pouco... a volta do País ao regime constitucional não tardará e, em política principalmente, nada melhor do que um dia depois do outro. Não tomem esses moços a nuvem por Juno.

Não lhes critico por soltarem foguetes antes da festa e se lambuzarem de merengue antes do banquete.

A verdade surgirá à plena luz meridiana e há de ferir, por certo, a retina nebulosa de certos odientos escrevinhadores, que tem o gosto satânico da intriga e a volúpia do mal.

Não é, e não será ofendendo, agredindo, injuriando, mentindo que se conseguirá a harmonia, a paz, a ordem. Estas virão a seu tempo, como sequência natural dos fatos.

Diz um provérbio hindu, dos “Niti-xástras” que é fácil chegar-se a um acordo com a ignorante, mais fácil ainda com a que sabe distinguir as coisas; mas ao homem enfatuado, nem Brahma é capaz de convencer.

Aqui se tem feito, contra nós, uma campanha, em que imperam, como armas principais, a mentira e a intriga, as quais, irmãs gêmeas, poderão correr à vontade, à rédea solta, porque suas pernas são curtas e não irão longe.

Ainda há poucos meses, a propósito de certas ocorrências locais, respondendo-me à carta que lhe dirigi, escreveu-me o eminente chefe do nosso Partido: “Fique, pois, inteiramente tranquilo, e bem certo de que continuo a tributar-lhe o apreço que sempre mereceu-me, já pelas suas virtudes privada e cívicas, já pelos seus longos e valiosos serviços à causa republicana e ao Estado. Os seus méritos e títulos, consolidados através de um passado político, repleto de exemplos de abnegação, civismo e fé, partidária, o devem por a cavaleiro das dissensões, intrigas e malquerenças, que, em toda parte, soem ser os frutos venenosos das ambições e paixões desenfreadas”.

Se transcrevo esse pequeno trecho da honrosa missiva, não o faço por vaidade, mas para atirar um balde de água fria em alguns espíritos irrequietos.

Sinto bem, e perfeitamente integrado, com o Partido Republicano de Carazinho, que pode contar com a minha maior dedicação.

Não vejo fronteiras políticas entre Carazinho e Passo Fundo: somos os mesmos correligionários, cujos corações palpitam pela grandeza do mesmo ideal; somos os mesmos riograndenses que colimam a felicidade do Estado e somos os mesmos os mesmos patrícios unidos pelo amor à Pátria comum.

Eu vos agradeço, com a maior sinceridade a homenagem que o valoroso e invicto Partido Republicano de Carazinho presta-me, como seu diretor político; eu agradeço as referências do vosso ilustrado orador Dr. Victor Graeff, uma real esperança deste município; eu agradeço o comparecimento de todos e creiam que, desta festa, levo impagável recordação.

Como penhor de tudo isso, vos hipoteco a minha indissolúvel amizade e a mais robusta solidariedade.

Não esmorecerei um instante sequer pelo meu Partido.

Correligionários, não façamos uma política dispersiva.

Os nossos adversários, que formam uma grande corrente, respeitáveis pelos seus ideais e pelos seus homens, movimentaram-se e organizaram-se em todo o Estado, com inteligência e boa tática política, por meio de diretórios, subdiretórios e a mais ativa propaganda pela imprensa. É um direito cívico, que ninguém lhes contesta e merecedor do nosso acatamento. Façamos, nós, que somos a maioria, o mesmo, se não quisermos viver de saudosas recordações, das glórias do passado e de reminiscências de vitórias.

A Frente Única é um dos esteios, quiçá, o mestre, da República, mas não esqueçamos o nosso Partido.

O Partido Republicano do Rio Grande do Sul atravessa um período histórico notável e precisa de todos os seus elementos para, no momento oportuno, cercar com a sua solidariedade, com a sua admiração e com o seu valor pessoal e

numérico, aquele que se isolou em Irapuazinho, mas que acompanha, com vivo amor e inextinguível interesse, o desenrolar dos acontecimentos, aquele que é o nosso preclaro chefe e a nossa maior garantia.

Pairemos em um plano superior, de trabalho ativo, pugnando sempre e cada vez mais, pela grandeza do nosso Partido, que teve um evangelizador como Julio de Castilhos, que teve um bravo como Pinheiro Machado, que tem um chefe como Borges de Medeiros e que tem valores como João Neves da Fontoura.

Passo Fundo, 3 de Novembro de 1935.

171 DISCURSO SOBRE A VICE-PRESIDÊNCIA DA ASSEMBLEIA pg. 176

Proferido, nesta cidade, no dia 27 de Dezembro de 1925, em um banquete que me foi oferecido, por motivo de minha eleição à vice-presidência da Assembleia dos Representantes do Estado.

Em uma festa, como esta, em que se congrega o que Passo Fundo político tem de mais representativo, não quis, meus correligionários, me abalçar a um improviso. Neste, a maior parte das vezes, a voz nada mais é do que a ressonância, embora ritmada, do coração, ao passo que, em um discurso escrito, pela meditação no silêncio dos gabinetes de estudo, a palavra é sempre o eco das vibrações raciocinadas do cérebro.

É necessário que hoje eu vos faça algumas imprescindíveis ponderações, de ordem inteiramente política.

Como preliminar, vos direi, agradecendo a gentileza desta homenagem que se me presta pela minha eleição à vice-presidência da Assembleia dos Representantes do Estado, que, aceitando-a, guardá-la-ei, de modo indelével e muito gratamente, como um dos momentos mais felizes da minha já longa trajetória pelo cenário político.

Esse posto de confiança, com que o preclaro chefe do Partido me distinguiu, se é mais um elo de aço que me acorrenta à sábia orientação de Borges de Medeiros, é também, em verdade, uma homenagem direta ao Partido Republicano de Passo Fundo, que assim se vê cada vez mais unido à pessoa veneranda daquele eminente estadista, contraindo para com ele, hoje mais do que nunca, maiores obrigações, mais sérios compromissos.

Eu sou apenas o delegado de vós outros junto aos altos poderes políticos do Estado; eu sou apenas o traço de união entre vós e a chefia do Partido, traço tanto mais nítido, mais forte e mais perfeito quanto maior for o apoio, a solidariedade dos meus correligionários.

Assim compreendendo, e assim sendo, é natural que uma distinção política, que se me confere, é o reflexo límpido e sereno do vosso valor, da vossa dedicação, do vosso civismo e das vossas convicções partidárias.

Espero, meus correligionários, continuar a merecer a vossa confiança e o vosso apoio, imprescindíveis no cargo que ocupo, e vos asseguro, com toda a lealdade, que no dia em que percebesse essa confiança me era retirada, saberia renunciar imediatamente esse encargo de diretor do Partido, afastando-me para o recesso de meu lar, sem mágoas, sem lutas, sem ressentimentos, dando lugar a outro, que melhor exercesse o mandato.

Enquanto, porém, contar com a vossa colaboração e com a vossa solidariedade, podeis ficar ciente de que, sem medir sacrifícios, estarei sempre ao vosso lado, propugnando pelos alevantados ideais do nosso Partido, interessando-me pelo bem da coletividade, trabalhando pelo progresso de Passo Fundo, e zelando pela felicidade pessoal de cada um de vós, em quem reconheço nobres sentimentos de amizade e de gratidão, que muito vos dignificam.

O Brasil inteiro admira o Rio Grande do Sul pela honestidade e inteligência de seu Governo; pela abnegação, cultura, civismo e bravura de seus filhos e também pela sua respeitável força eleitoral, e eu posso vos afirmar que o Rio Grande do Sul observa hoje o nosso município com respeito e com admiração que, por certo, terão maior vulto no dia em que tivermos também mais eficiência

eleitoral. E esta nós podemos tê-la com felicidade, dependendo sempre de vós, tão somente, e é por isso que vos concito, com insistência, ao comparecimento às urnas. Precisamos não esquecer que a união faz a força.

Tenho o grande orgulho de asseverar que o Partido Republicano de Passo Fundo está firme, está unido, está coeso.

Díscolos [insociáveis] existem aqui como em toda a parte, e vos repetirei as palavras, a calhar, de um escritor moderno: “As sociedades de cada época sempre contiveram certo número de inquietos, instáveis e descontentes, prestes a insurgir-se contra uma ordem qualquer de coisas estabelecidas. Atuam pelo prazer da revolta, e se um poder mágico realizasse, sem nenhuma restrição, os seus desejos, eles se revoltariam ainda”.

Para essa classe de gente, incapaz de produzir e capaz de destruir, elementos dissolventes, sem linha definida, de sobejo conhecidos, para que possam ser tomados a sério por um homem equilibrado ou por uma agremiação arregimentada, poderemos aplicar, com precisão, o conceito do espartano Aristenes: “pior para eles, terão que sofrer o duplo tormento dos seus males e dos nossos bens”.

Eu tenho, meus amigos, pelo Passo Fundo, um grande amor, um entranhado amor; bem sinto que tem de ser aqui o meu ponto de ação, o meu círculo de atividade ao lado dos meus companheiros, e que não me é lícito, de maneira alguma, como já, em certa ocasião, afirmei, desamparar um povo que me ampara, esquecer essa gente que não se esquece de mim, fugir dos braços que se me abrem, repelir os corações que, ao lado do meu, palpitam pela mesma causa e pelo mesmo ideal.

Ideal, sim, porque os republicanos riograndenses não lutam, e nunca lutaram, por competições pessoais, e sim por princípios definidos, organizados por Julio de Castilhos, o evangelizador; amparados por Pinheiro Machado, o bravo; sustentados por Borges de Medeiros, o egrégio.

Meus senhores – Agradeço-vos vivamente esta demonstração de amizade, e agradeço ainda as palavras do vosso brilhante e talentoso orador,

Francisco Antonino Xavier e Oliveira que, como sempre, cheio de bondade e de afeto, nobre e grande, como grande e nobre é o seu coração, soube, afora os imerecidos conceitos sobre a minha obscura individualidade, se desempenhar tão bem da delegação que lhe foi cometida.

Conto e confio em vós, contai e confiai em mim.

O Passo Fundo pelo Rio Grande do Sul!

O Rio Grande do Sul pelo Brasil.

Passo Fundo, 4 de Novembro de 1935.

172 DISCURSO EM UM BANQUETE, EM PORTO

ALEGRE pg. 182

Pronunciado, em Porto Alegre, no dia 19 de Dezembro de 1928, em um banquete, realizado no Clube do Comércio, e que me foi oferecido pela Assembleia dos Representantes, quando eu seu presidente.

– Vivamente emocionado, ante essa homenagem, brilhante e seleta, imponente e encantadora, que me envolve em sua carícia, não é para estranhar a indecisão do vosso obscuro amigo e leal servidor.

Ruy Barbosa, o fulgurante criador, que tinha a eloquência genial da palavra pura e da frase castiça, ao receber, de uma feita, na Bahia, sua linda terra natal, uma grandiosa manifestação de apreço, assim iniciou a sua oração: “Depois disto... diante disto... não sei como principio”.

Se assim aconteceu com o grande e inolvidável mestre, é, pois, naturalíssimo o meu embaraço e, por isso, exoro [imploro] e necessito da vossa benevolência.

Antes de mais nada, manda a consciência e determina a justiça que eu vos expresse os mais sinceros agradecimentos por esta demonstração de elevada estima e de distinto acatamento.

Ao prezado colega Armando Victorino Prates, cuja amizade cultuo com carinho desde os saudosos tempos da Escola Brasileira, a minha perene gratidão: levo a conta da sua nobreza de caráter e de seu formoso talento, cheio de bondade, as referências que, em implacável estilo, acabastes de ouvir.

A época que atravessamos é toda de sole de luz, e não de sombras e crepúsculos; é toda de paz e de promissoras esperanças e está a exigir o trabalho ativo e profícuo de todos os riograndenses, sem distinção de partidos; a colaboração eficaz de todas as inteligências; o auxílio seguro de todos os braços e de todas as consciências, a fim de que o Rio Grande do Sul, no uso de um direito incontestado, possa ser “pars magna” no concerto harmonioso da Nação.

De alguns anos para cá, assombroso é o progresso do Estado, quer sob a ação do Governo, quer sob a iniciativa particular; há, por toda a parte, uma ânsia de trabalho, de desenvolvimento, de ascensão.

O homem é honrado e sadio; a terra, fértil; o comércio e as indústrias, florescentes; o crédito, sólido; as condições econômicas e financeiras, magníficas. Só carecemos de trabalhar com afinco e de expandir, hoje mais do que nunca, as nossas poderosas forças naturais e vigorosos elementos de vitalidade, em busca de um futuro, por certo radiante. Se algumas vezes a paixão e os devaneios partidários nos tem separado, colocando-nos em campos opostos, em lutas acesas e vivas, dispersando tantas energias e inutilizando tantos valores, é bem verdade que somos uma só força, quando em foco a prosperidade, a grandeza da Pátria, e é preciso que assim seja sempre para felicidade nossa, para glória da República e honra do Brasil.

Desdobrando as páginas da nossa história, crivadas de epopéias imarcescíveis, veremos individualidades que, por caminhos diversos, só elevaram a cultura moral, intelectual, científica e cívica do Rio Grande do Sul.

Sob o ponto de vista político, guardadas e respeitadas as convicções de cada um, Julio de Castilhos e Gaspar Martins, Borges de Medeiros e Assis Brasil são os verdadeiros e altos expoentes do nosso ideal, nomes os mais queridos da nossa

dadivosa gleba gaúcha, e cuja enunciação nos faz vibrar, cheio de amor e de orgulho, pela causa que defendemos.

Digno e bom é o povo que dessa maneira procede, e que tem a zelar um patrimônio tradicional como o nosso.

A existência dos dois grandes partidos políticos do Estado, de ideais e de programas definidos, elementos de diástole e de sístole, é uma necessidade, desenvolvendo, como fazem, a sua ação, dentro da Ordem, colimando o Progresso.

Felizmente, para nós, não sofremos dessa ausência de opinião organizada, que Oliveira Vianna, de modo brilhante, descreve e comenta.

Abelardo Rosas, em sua *Civilização e Democracia*, afirma que “o mundo inteiro está mesmo organizado no sentido de um governo e de uma oposição” e cita o exemplo da modelar Inglaterra, em que “o grande princípio não só da sua vida política, mas de toda a sua civilização é o sistema de governo por partidos, a organização de uma linha divisória de elementos opostos entre si como forças de progresso e de crítica, traduzindo-se num esforço contínuo e regular de atuações rivais”.

Se tudo isso, porém, é uma verdade, verdade mais inconcussa é que a luta se deve manter em um ambiente elevado, em uma atmosfera de cordialidade e de paz, de mútuo respeito e de acatamento à lei, sem o que ela seria de efeitos negativos, prejudiciais e nefastos. Apraz-me lembrar, no momento desta despedida, depois de uma feliz convivência de quatro anos, que nós, situacionistas e oposicionistas, intransigentes no resguardo das opiniões políticas, somos todos particularmente amigos, que os laços de nossas relações, que eram apenas de mera cortesia são hoje de firme e robusta amizade.

Levarei, para o meu querido Passo Fundo a serena calma de um homem que procurou sempre, na medida das suas forças, cumprir o seu dever; levarei a mais grata recordação desta homenagem, indelevelmente gravada em meu espírito; levarei, ainda, com prazer confesso, as inúmeras provas de confiança, com que me distinguiestes; levarei, por fim, a saudade de todos vós, ilustres representantes

que, com grande amor e inexcédível dedicação, cooperastes para o engrandecimento do Estado e do Brasil.

Termino, meus amigos, essa despreziosa oração, repetindo-vos, com Borges de Medeiros, o meu preclaro e querido chefe: “serei ditoso com a felicidade do Rio Grande do Sul”.

Levanto, ainda uma vez agradecido, a minha taça pela vossa prosperidade e pela vossa saúde.

Passo Fundo, 5 de Novembro de 1935.

173 DISCURSO AOS ITALIANOS pg.189

Pronunciado, nesta cidade, em um banquete que me foi oferecido, na Sociedade Operária, pela colônia italiana de Passo Fundo, em 8 de Maio de 1931.

Cumpro-me render aos amigos presentes a mais pública homenagem de meu mais sincero agradecimento.

Muitas tem sido, Srs., na minha já longa existência, as demonstrações de afeto que, sempre por bondade, hei recebido, mas esta tem para mim uma significação toda especial e em relevo: é que ela é o tributo puro de uma amizade fraternal e inquebrantável onde se espelham e onde se plasmam os sentimentos mais cristalinos dos filhos e dos descendentes da vossa gloriosa Itália. Não há aqui reflexos de interesses subalternos.

Creio bem que foi uma maneira gentil de prestardes um preito de reconhecimento, veneração e respeito ao Passo Fundo, através da obscura individualidade que se honra de vos dirigir a palavra.

A Itália passou por uma radical modificação depois da grande guerra, do tremendo cataclismo que assolou a Europa, arrastando em sua voragem grande número de nações.

Não devo, não posso e não quero entrar em apreciações de ordem política, mas a verdade é esta, verdade que não se contesta e que se afirma cada vez mais: os olhos do mundo, de um momento para outro, voltaram-se com surpresa e com admiração para a Itália, pelo seu rápido desenvolvimento, pelo seu constante progresso, pela incessante laboriosidade do seu povo, pela sua consciente e altiva disciplina, pela ordem reinante.

A Itália de hoje, no seu maravilhoso ressurgimento, na sua deslumbrante cruzada, vibra harmonicamente em ritmo perfeito e sonoro, ao redor de Benito Mussolini, o seu grande chefe de governo, que é bem a expressão da alma forte, serena e valente da sua nacionalidade.

Do Norte ao Sul, dos Alpes à Sicília, pela montanha e pela planície, das praias do Mediterrâneo às do Adriático, onde os ventos sacodem os pinheirais de Ravena, e onde próximo a Igreja de S. Francisco está o túmulo de Dante, morto em 1321, tanto maior quanto mais se dilata o tempo, por toda a parte enfim, há um frêmito de entusiasmo cívico, uma rajada de trabalho produtivo, uma eloquente vibração de amor pátrio.

É que “gira em cada um dos glóbulos sanguíneos desse povo o gérmen altivo da dignidade”.

Ainda ressoa por todo o Rio Grande do Sul o eco do brilhantismo da exposição comemorativa, em 1925, cinquentenário da colonização italiana neste Estado.

Foi um certame admirável e que excedeu à expectativa geral, onde exibistes o adiantamento do vosso trabalho, honrado e fecundo; onde revelastes o poder da vossa vontade e da vossa energia: foi uma exuberante demonstração da vossa prosperidade e da vossa riqueza.

Por essa oportunidade, o eminente Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, então nosso presidente, em memorável autografo, assim se expressou: “A obra da colonização italiano no Rio Grande do Sul bem merece a glorificação que vai ter, por ocasião da passagem do cinquentenário da sua iniciação. Ela cimentou no espaço a união dos italianos e brasileiros que, aliás, já estava, historicamente

integrado no seio imenso da latinidade pela inextinguível comunidade de origens e ideais”.

Srs. – Somos filhos, italianos e brasileiros, da mesma mãe latina “irmãos na raça, na gentileza, na hombridade e na história”.

Os feitos heróicos de José Garibaldi, Lívio Zambecari, Francisco Arzini, Luiz Rossetti e outros, confraternizando-se, no ideal farroupilha, com as legiões também heróicas de Bento Gonçalves, Netto e Canabarro, ainda reboam, e reboarão indefinidamente, pelas quebradas e pelas esmeraldinas coxilhas do invicto Rio Grande do Sul.

O município de Passo Fundo tem recebido o poderoso influxo da vossa operosidade e o nosso progresso é decorrente, em parte, do vosso labor diário e da vossa ação benéfica.

Espalham-se por ele diversos núcleos coloniais, centros de produção, células da grandeza da Pátria, verdadeiras colméias de trabalho, e que cooperam, identificados conosco na mesma comunhão de sentimentos, pelo progresso desta terra boa, generosa, altiva e digna.

Não só germina no seio fecundo da nossa terra, que também tanto amais, a semente que aí plantastes; há mais do que isso, que vive, se desenvolve e floresce em os nossos corações, e é a organização dos vossos lares, o nascimento dos vossos filhos brasileiros, unindo-nos, entrelaçando-nos, com afeto e carinho, no meio social.

Vós, italianos, encontrastes aqui uma terra fértil, um clima ameno e saudável, um ambiente sereno de ordem, uma atmosfera de segura liberdade, elementos propícios para o vosso desenvolvimento econômico, social e financeiro.

Temos convicção plena de que hoje dedicais ao Brasil um verdadeiro amor, e que por ele sois capazes dos maiores desprendimentos e sacrifícios.

É a mesma conjunção de esforços por um ideal comum: o engrandecimento e a felicidade da terra em que vivemos.

Nós, brasileiros, os recebemos com simpatia e com aflição, e o nosso Governo, dentro dos seus salutareos princípios de colonização, os tem amparado lealmente e de tal modo que o vosso progresso se tem feito sentir e notar surpreendentemente em todos os ramos da vossa atividade.

Vós, ítalo-brasileiros, que absorvestes no primeiro movimento respiratório, o oxigênio do nosso ar; que aprendestes a balbuciar as primeiras palavras na doce e encantadora língua que falamos; que destes os primeiros passos no torrão imaculado da nossa Pátria; que vestistes a farda, tantas e tantas vezes, cheia de imarcescíveis glórias do vosso Exército, sois veros brasileiros, em cujos corações palpita, como em nós outros, com o mesmo civismo, a alma do Brasil.

Sinto-me bem com o vosso contato.

Sinto-me feliz com o vosso apoio.

Sinto-me orgulhoso com a vossa amizade.

É o italiano que aperta a mão do brasileiro; é o brasileiro que abraça o peito varonil do italiano.

É o italiano que manifesta o seu bem estar e a sua felicidade nesta terra; é o brasileiro, que lhe agradece a sua colaboração.

É o italiano amigo sincero do brasileiro; é o brasileiro amigo leal do italiano.

É a Itália “da arte e do amor, da beleza e do trabalho” que sorri para o Brasil; é o Brasil que, unido e forte, saúda a Itália.

Passo Fundo, 6 de Novembro de 1935.

